



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Juciane Priscila Vilaverde Freitas

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A ESCOLA NA PERSPECTIVA DOS
INTEGRANTES DO MOVIMENTO HIP-HOP

Brasília
2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Juciane Priscila Vilaverde Freitas

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A ESCOLA NA PERSPECTIVA DOS
INTEGRANTES DO MOVIMENTO HIP-HOP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a.Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Brasília, dezembro de 2011

Juciane Priscila Vilaverde Freitas

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A ESCOLA NA PERSPECTIVA DOS INTEGRANTES DO MOVIMENTO HIP-HOP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a.Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Comissão Examinadora:

Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Doutora Inês Maria Marques Z. P. de Almeida

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor a Doutora Ana da Costa Polônia

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Juciane Priscila Vilaverde Freitas

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A ESCOLA NA PERSPECTIVA DOS INTEGRANTES DO MOVIMENTO HIP-HOP

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a.Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Prof^a. Dr^a. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira (Orientadora)
Universidade De Brasília

Prof^a. Dr^a. Inês Maria Marques Z. P. de Almeida
Universidade de Brasília

Prof^a. Dr^a. Ana da Costa Polônia
Universidade de Brasília

Brasília, dezembro de 2011

Dedicatória

*A Deus, meu melhor amigo,
por estar sempre ao meu lado e me amar muito além do que eu mereço.*

*Aos meus pais,
Pelo amor e apoio incondicionais durante toda minha vida e trajetória
acadêmica
e aos meus familiares e amigos pelo carinho, suporte e inspiração.*

Brasília

2011

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter me amado, a ponto de me dar Jesus de presente e, com Ele, uma vida repleta de significado e propósito, felicidade e conquistas, das quais se destacam a conclusão desse curso e por fim, a vida eterna.

À família dada por Deus a mim, sempre unida e preocupada com o bem estar do próximo. Vocês me ensinaram a valorizar o que é de fato importante e a viver e praticar o amor em todas as suas expressões e em quaisquer circunstâncias.

Aos meus pais, em especial, por terem possibilitado a concretização de mais essa etapa. São o meu porto seguro, meus referenciais e modelos de caráter, fidelidade, amor e hombridade. À minha mãe, Edvirens de Cássia, pelos cuidados e orações, pelas caronas para a UnB, por sua capacidade de servir sem esperar retorno algum. Obrigada por seu exemplo de mulher, mãe, amiga e professora. Ao meu pai, Dorivaldo, por seu suporte e cuidado, por sua disponibilidade em me ajudar no que fosse necessário e por concretizar até mesmo as ‘ideias mais malucas’ no exercício da minha profissão. Sem eles, definitivamente eu não seria metade do que sou e não teria alcançado sequer uma parte do que conquistei. Minhas vitórias são suas vitórias.

Aos meus segundos pais, tio Severo e tia Fátima por terem acreditado em minha capacidade quando eu mesma duvidei. Obrigada por terem me acolhido como sua própria filha e por me “obrigarem” carinhosamente a prestar o vestibular. Sem vocês, essa conquista dificilmente se daria. Agradeço tio, pela doçura com a qual sempre me tratou e tia, obrigada pelos preciosos ensinamentos que me proporcionou.

Aos meus irmãos que, “entre tapas e beijos” sempre estiveram ao meu lado, me auxiliando nas horas em que eu mais precisei. À Becka, minha “irmã gêmea de barrigas diferentes”, pelo carinho, preocupação, torcida e apoio incondicional! Te amo muito!

À família por mim escolhida: meus amigos queridos. Eixo do Mal, meninas do Adorar, família OPA, Lapixa, Branco, Lisa, Beto, Renata, Ray... vocês são meu apoio, meu sorriso em dias tristes, minha bagunça preferida, minhas companhias perfeitas, meus amores, meus ‘cabelos brancos’.

Ao William, meu amor. Você é minha fonte de inspiração, meu colo, minha companhia preferida, minha conversa perfeita, meu coração compartilhado. Obrigada por seu

apoio e auxílio nos momentos mais críticos, por me agüentar nas horas mais chatas e por dividir comigo suas alegrias.

A cada um dos professores que marcaram minha vida acadêmica, à professora Cristina Leite por me auxiliar no início de minha monografia, e à professora Teresa Cristina por seu papel fundamental na construção e aperfeiçoamento deste trabalho. Professora Teresa, foi um imenso prazer trabalhar juntamente com a senhora por todo esse tempo. Jamais esquecerei as dicas, as risadas, as correções e os incentivos. Obrigada!

Às professoras Inês Maria e Ana Polônia, por terem aceitado participar dessa etapa importante da minha vida. Obrigada por estarem comigo, mesmo depois dos “quarenta e cinco minutos do segundo tempo”.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, citados ou não, contribuíram para a consolidação desse trabalho. Todos possuem um lugar especial em meu coração.

A todos, muito obrigada!

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Aparelhagem de som utilizada pelo DJ	33
Fotografia 2 – B.boy realizando manobras	34
Fotografia 3 – Desenho representativo de MC	35
Fotografia 4 – Artista fazendo Graffiti em muro.....	36

SUMÁRIO

Dedicatória	V
Agradecimentos.....	VI
Lista de fotografias	VIII
Sumário	IX
Apresentação	10
Memorial	11
Resumo	28
Introdução	29
CAPÍTULO I	31
Hip-Hop: História, Construção e a escola nesse contexto	31
CAPÍTULO II	44
Representações Sociais, Experiência e educação.....	44
CAPÍTULO III	52
Metodologia	52
CAPÍTULO IV	55
Análise de Resultados.....	55
CAPÍTULO V	66
Considerações Finais.....	66
Perspectivas Profissionais	68
Referências	70
Anexos.....	72
Apêndices.....	78

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho se divide em três momentos, que são definidos por: memorial, a monografia propriamente dita e as perspectivas profissionais. O memorial é o momento do trabalho em que faço um relato da minha trajetória de vida, enfatizando aspectos ligados às minhas experiências educacionais desde a educação infantil até o ensino superior. Revela também fatos que me conduziram até a escolha do tema desta monografia.

O segundo momento é a monografia, dividida em cinco capítulos. Os capítulos I e II apresentam o referencial teórico, responsável por abordar os temas balizadores centrais da pesquisa, quais sejam: “Hip-Hop – história, constituição e a educação nesse contexto” e “Representações Sociais, Experiência e Educação”. A metodologia utilizada para este estudo encontra-se no capítulo III. Com o intuito de verificar as representações sociais dos integrantes do movimento Hip-Hop sobre a escola, foi aplicado um questionário em jovens participantes do movimento, cuja análise se encontra no capítulo IV e é corroborada com a análise de letras de Rap. O último capítulo traz as considerações finais acerca da temática abordada.

Por fim, o terceiro momento tem por objetivo a expressão de minhas perspectivas profissionais, onde relato aspirações e pretensões com relação ao trabalho e ao prosseguimento da vida acadêmica.

MEMORIAL

Vida e família

Relato da mamãe: “Juciane, ou Juci, como a chamamos desde muito cedo, nasceu em trinta de Julho de mil novecentos e oitenta e sete, no Hospital Regional de Sobradinho/DF, às 11:30h, pesando 3,200kg e medindo 52 centímetros. Foi muito desejada e amada desde sua concepção. Como na família só nasciam meninos, eu não havia escolhido nome para menina, a vovó Esmeralda foi quem escolheu. Nasceu com nove meses de gestação, de acordo com as minhas contas, ou seja, uma semana antes da data dada pelo médico.

No dia anterior ao do nascimento, eu fui ao banco pagar algumas contas. Já sentia certo desconforto, mas não dor. Mesmo assim, fui ao hospital, pois pelas minhas contas, a gravidez já tinha nove meses. Lá chegando, o médico que me examinou (Doutor Fábio), verificou que, embora eu não sentisse dor, já havia dilatação para que a Juci nascesse. Fui para casa e voltei à noite. Começou então o sofrimento: recebi um medicamento para que as contrações viessem – isso durou a noite toda. Na manhã do dia 30, um médico residente em visita ao quarto perguntou se era o meu primeiro filho. Diante da negativa, resolveu me ajudar rompendo a bolsa gestacional. Mal ele chegou à porta do quarto e eu comecei a gritar dizendo que o bebê estava nascendo. Foi a maior correria! Depois de muita luta ela nasceu.

Não era chorona. Era linda e admirada por todos. Ainda no hospital, precisou de remédios para pingar no nariz, pois o mesmo ficava entupindo.”. É assim que minha mãe conta a história do meu nascimento.

Sou a filha do meio de um casal que já possui 26 anos de existência. Meu irmão mais velho se chama Emanuel Judá, mas o chamamos de Ju, apenas. Minha irmã mais nova se chama Juliane Patrícia e a chamamos de Juli. Tenho basicamente dois anos de diferença, para mais em relação ao Judá e para menos em relação à Juli.

Embora, por muito tempo, tenha acreditado que meu nome era simplesmente um nome “inventado” pela vovó, o William (meu amor) diz que ele significa “Aquele que ora”. Acho que esse nome, embora prefira que me chamem pelo apelido, revela bastante sobre quem sou hoje. A vovó estava certa, como todas as mães e avós (quase) sempre estão!

Bom, nasci em uma família grande e bastante unida e, como era a segunda neta (mulher) a nascer, fui muito paparicada. Meu “reinado” como única neta em Brasília durou

dois anos, até que minha irmã mais nova nasceu. Apesar disso, acho que nunca deixei a “majestade” de fato. Minha família conta que, diferentemente da minha irmã, eu sempre fui mais quieta, mais carinhosa e mais educada, o que provocou o ciúme dos meus irmãos, já que geralmente, pelo bom comportamento, eu saía com minhas tias e eles ficavam em casa. Isso, talvez, tenha provocado posteriormente uma certa competição e desunião entre nós, infelizmente. Hoje em dia, temos nossas diferenças, mas as ‘briguinhas’ por besteira diminuíram drasticamente, assim como a competição boba de infância e adolescência. Amo muito meus irmãos e eles, entre ‘tapas e beijos’, mais tapas que beijos, me ensinaram bastante.

Nos primeiros anos de minha vida enfrentei uma série de problemas de saúde. Meu peso (acreditem!) era sempre abaixo do desejável, o que fez minha mãe recorrer, não poucas vezes, às filas do governo para conseguir suplementos ou algo que aumentasse meu peso. Precisei fazer uma cirurgia para retirar minhas amídalas ou, como soube que os médicos chamam hoje: minhas tonsilas palatinas. Enfim, desde o meu nascimento precisei de medicamentos para desentupir o nariz, para as crises de garganta, bronquites, pneumonias regulares (quase todo mês), etc. Houve uma época em que era levada a uma clínica para tomar injeções absolutamente todos os dias. Foram dias difíceis tanto para mim como para minha família, que sofria muito com a situação. Tanto era assim que, em um dia, quando por erro do enfermeiro a injeção acabou me machucando e eu chorando (coisa que eu nunca fazia), minha mãe fez um voto a Deus. Disse que se ele me curasse e eu nunca mais tivesse pneumonia, ela daria um Culto de Ação de Graças em gratidão pela minha vida todos os meses do meu aniversário. Deus ouviu as orações da minha mãe e, até hoje, eu nunca mais passei por essa enfermidade.

Sou uma pessoa muito privilegiada. Não tinha os melhores e mais novos brinquedos, não desfrutava de muito luxo ou o conforto de um casarão, mas tive absolutamente tudo o que precisava pra ser uma criança feliz. Meus pais sempre foram muito carinhosos e atenciosos comigo e com meus irmãos, e mesmo quando eles não estavam presentes devido ao trabalho, minha família sempre nos deu suporte. Como morávamos em uma casinha construída no mesmo quintal da casa dos meus avós maternos, eles sempre estavam presentes para cuidar de nós. Adorava quando a vovó Esmeralda (quem me deu o nome) me pegava no colo, fosse para me dar mamadeira ou para me fazer dormir. Chupando dedo ou mamando, eu sempre mexia nas orelhas dela... era tão gostoso que ate hoje mato a saudade acarinhando suas orelhas.

Alguém que sempre esteve conosco é a Tia Ana, irmã da mamãe. Ela foi a nossa “babá” durante muito tempo (a melhor!). Lembro quando ela me buscava na escolinha à tarde... Outra pessoa muito presente na minha vida era a tia Fátima. Apesar de meus pais não possuírem uma condição financeira excelente, sempre andávamos muito bem arrumados, pois a tia Fátima fazia nossos vestidos e doava para o meu irmão as roupas que não serviam mais em nosso primo. Era com a tia Fátima também que eu mais saía, fosse para visitar sua casa, fosse para ir a festas e casamentos, dos quais eu era dama de honra frequentemente.

Mudamos de casa. Saímos então da casinha no quintal da vovó para a nossa própria casa, em um lugar periférico de Sobradinho. Lembro das casas se erguendo junto com a nossa, da estrada de terra que levava à nossa casa e que minha mãe enfrentava todos os dias para ir ao trabalho. Nossa casa ficava longe de muitas outras casas, principalmente da casa dos meus avós, mas sempre os visitávamos, principalmente quando íamos e voltávamos da escola. Eu gostava da nossa casa e ainda gosto. Como não tínhamos muito dinheiro para pagar pedreiros, ela foi construída através da mobilização e ajuda de amigos e familiares. Apesar de ficar ‘no meio do nada’ naquela época, era bem maior que nossa antiga casa, tinha uma bela vista e muitos lugares calmos para serem explorados por mim e meus irmãos (os vizinhos que o digam!).

Fui crescendo e passando por várias situações que me fizeram amadurecer. Aprendi muito com a minha família e dentre as coisas mais importantes está o amor pelo outro. Nunca precisaram me falar nada, mas sempre vi o amor sendo demonstrado e vivido por eles não apenas no seio familiar, mas com relação àqueles que nos cercavam. Há vários relatos, em especial da vovó Esmeralda, dividindo a comida da família com outras famílias ainda mais necessitadas. Meus avós vieram do Rio Grande do Norte pra Brasília em cima de um “Pau de Arara”, jamais esqueceram suas origens humildes e creio, fizeram questão de ensinar esses valores a cada um de seus filhos e netos.

Quando tinha cerca de 14 anos, meu pai teve uma crise de apendicite e foi para o hospital, onde foi operado. Ao retirarem o apêndice, descobriram que ele estava com câncer. Foi um choque para nós. Assim que soube, minha mãe dividiu a notícia apenas comigo, ou seja, de toda a família, apenas eu, minha mãe e meu pai ficamos cientes do que estava acontecendo durante um bom tempo. Antes do tratamento de Quimioterapia, porém, eles resolveram contar a toda família, em um almoço que reuniu tanto a família do meu pai quanto a da minha mãe. Todos choramos muito, mas toda a família decidiu se unir para ajudar meu

pai nessa luta. Foram dias terríveis para nós. Era muito difícil ver meu pai, o fortão, debilitado, dependente, careca e sem o seu bigode gigante, que era sua característica mais marcante. Graças a Deus tudo passou. Hoje meu pai está curado, forte e bigodudo como sempre foi. O cabelo, que nasceu inacreditavelmente liso depois do fim da quimioterapia, enrolou de novo, mas meu pai jura que está lindo e faz questão de deixá-lo bem maior do que era antes, não importam os apelos que façamos para que ele corte.

Pessoas que também considero muito importantes na minha vida são minha tia Fátima e meu tio Severo. Eles tiveram um papel essencial no que diz respeito, dentre outras coisas, à minha vida acadêmica. Eles têm um filho, o Charles, que cresceu junto conosco e que, depois de um tempo, se casou e foi morar em outra cidade. Como era de certa forma tratada como filha pelos meus tios, assim que o Charles casou, fui morar com eles em Sobradinho. Passava a semana com meus tios e visitava minha casa aos finais de semana. Nessa época, após a conclusão do ensino médio, eu estava estudando para concursos e não para o vestibular, porém, minha tia praticamente me “obrigou” a fazer a prova e, como estava morando na casa dela, acatei. Foi basicamente assim que vim parar na Universidade de Brasília (UnB). Minha tia ensinou-me bastante e era mais rígida comigo que meus pais. Já o tio Severo, de severo não tinha nada. É uma das pessoas mais doces que já conheci e possuímos uma relação inexplicável de afeto, a ponto de nos emocionarmos ao falar um do outro. Ele é meu outro pai.

Depois que passei na UnB, passei a viajar mais, especialmente para Curitiba. Minha tia Neide mudou para lá quando eu e seus filhos (o Felipe, o André e a Rebeca) ainda eram pequenos. Eu e minha prima, talvez pela distância causada pela ida deles para o Sul, não éramos tão próximas, o que mudou radicalmente de uns tempos pra cá. É por esse motivo, dentre outros, que sempre que posso vou à Curitiba. Honestamente, não me recordo de quando nos tornamos tão amigas assim, mas sei que hoje a Becka é uma das pessoas mais importantes na minha vida. Como ela bem diz, somos “irmãs gêmeas de barrigas diferentes” e confesso que compartilho com ela coisas que jamais compartilhei com minha irmã de verdade. É com ela que divido meus pensamentos, que conto sobre as coisas do coração e com quem tive as experiências de maior independência e liberdade longe dos meus pais. Amo muito.

Minha família por parte de pai sempre foi mais distante, embora morássemos na mesma cidade. Lembro de raras vezes em que nos reunimos para fazer alguma coisa. Acho que a família da minha mãe tinha laços tão fortes conosco que até mesmo as pessoas da

família do meu pai eram atraídas a se juntar a nós nas comemorações. Quem mais fazia isso era a mãe do meu pai, a vovó “Tintina”, que nunca faltou aos aniversários de quem quer que fosse da família da mamãe, nem mesmo aos Natais, que passávamos sempre juntos. A vovó Tintina era a velhinha mais animada que eu já vi. Era toda “pra frente”, viajava bastante com as amigas, fazia ginástica e falava mais palavrões do que eu jamais falarei na vida. Ela era ótima e tinha um jeito todo especial de se preocupar conosco e de demonstrar carinho. Há cerca de dois anos atrás ela infelizmente faleceu e isso deixou um vazio muito grande em nós.

Apesar das tristezas e dos problemas que toda família enfrenta, jamais posso me queixar da família que tenho. A cada problema que enfrentamos, nos unimos mais. Sentimos a dor um do outro, oramos uns pelos outros e ajudamos em tudo o que podemos. A cada dia que passa, agregamos mais pessoas ao nosso convívio. Meu irmão mais velho casou há quase dois anos e minha irmã mais nova casou-se em Julho desse ano (Incrível como o relacionamento entre irmãos melhora drasticamente depois que alguns deles se casam e cada um adquire seu próprio espaço!). E cada um que verdadeiramente se aproxima à nossa família jamais é esquecido, especialmente pela vovó Esmeralda, que possui a melhor memória que já vi na vida e faz questão de mandar beijos, a bênção e perguntar sobre cada pessoa que aparece na nossa casa.

A vovó e o vovô sempre cuidaram de nós e hoje nós nos revezamos para cuidar deles. O vovô está com uma doença semelhante ao Mal de Alzheimer e recentemente esteve na UTI com pneumonia e infecção urinária. Minha tia Neide veio de Curitiba para Brasília e tem sido essencial no cuidado da alimentação do vovô. A tia Ana mora no mesmo quintal dos meus avós e é ela quem mais tem literalmente se sacrificado em prol deles. Ela cozinha, lava, passa, limpa a casa e sabe dos horários de cada remédio. A tia Fátima, como irmã mais velha, toma as decisões mais importantes e acompanha meus avós em consultas, exames e tratamentos. É ela também quem vai quase todos os dias à casa da vovó para fazer a barba do meu avô e cortar o cabelo dele sempre que necessário. Minha mãe paga o plano de saúde deles e sempre que possível vai conosco visitá-los, substitui minhas tias para que elas possam sair e fazer compras de vez em quando e faz bolos de cenoura para que minha avó, que sempre fez bolos e doces e fazia questão de oferecê-los às visitas, continue tendo esse prazer de servir. O tio Doure sempre está lá pela manhã para ajudar meu avô a se levantar. O tio Gonzaga e a Tia Dilza sempre que podem vem de Vitória à Brasília para ajudar meus avós e dar férias a Tia Ana. Como a tia Dilza é divertida e solícita! Gosto muito dela. A tia Rute praticamente mora na casa da vovó e está sempre por perto para ajudar no que for preciso. É ela quem sempre

vem à nossa casa também, propondo sempre algo diferente para fazermos juntos.

Eu amo imensamente minha família. Os que citei e os muitos que não citei aqui. Eles são a minha base, o que eu tenho de mais precioso e os meus primeiros e eternos professores.

Deus, a igreja e eu.

Deus sempre esteve presente na minha vida. Isso não acontece somente por que desde muito cedo meus pais me levavam à igreja, mas pelo cuidado que Ele tem tido comigo e com toda a minha família desde antes de eu nascer. Mas, por falar em igreja, sempre achei natural ir aos cultos e realmente gostava de estar naquele ambiente. Gostava das músicas, da Escolinha Dominical e em especial de subir ao púlpito no meio da pregação, subir no colo do tio Severo (um dos Pastores) e dormir tranquilamente até ser carregada de volta aos braços dos meus pais. Antes mesmo de freqüentar uma escola “de verdade” tive contato com uma escolinha especial, dentro da igreja o que, creio, me ajudou (e muito) a não estranhar de todo o ambiente e a rotina escolar.

Ao longo do meu desenvolvimento, sempre presenciei meus pais “trabalhando” na igreja, o que chamamos de ministério. Minha mãe, em especial, era professora da Escolinha Dominical e por vezes ficou à frente do Ministério com crianças. Por isso, continuamente eu e meus irmãos estávamos envolvidos nos bastidores dos trabalhos, recortando decoração, fazendo lembrancinhas, fazendo parte das peças e apresentações. À medida que ficava mais velha, passei a substituir minha mãe em sala de aula algumas vezes, até, alguns anos mais tarde, assumir minha própria turminha.

Nesse meio tempo, meu pai foi chamado para pastorear uma igreja, digamos que na periferia da periferia, em uma espécie de bairro-invasão em Sobradinho 2. Ao chegar lá eu, minha mãe e meu pai, tivemos que assumir praticamente todas as funções, desde o trabalho com os jovens, adultos e crianças à limpeza do próprio espaço. Devo muito da minha desenvoltura em sala de aula àqueles cinco anos que passamos lá. Sempre gostei de ensinar, de cantar, de trabalhar com pessoas, mas eu era extremamente tímida e isso me bloqueava absurdamente. No Versales, tive que deixar a timidez de lado e esse foi um dos mais importantes passos que tomei. Comecei a cantar no louvor da igreja, era facilitadora nos Grudes – Grupos de Desenvolvimento Espiritual – onde os jovens estudavam a Bíblia de forma contextualizada e descontraída, e fiquei responsável por uma turminha na Escola Dominical. A bem da verdade, costumo dizer que na igreja havia ‘mais criança que gente’ e o

espaço para a realização dos trabalhos era restrito tanto quanto o número de pessoas preparadas e dispostas para trabalhar com crianças. Por isso, as crianças eram divididas em duas turmas: uma de 0 a 7 anos e outra de 8 a 11 anos. Eu fiquei responsável pela turma de 0 a 7 e minha mãe pela turma de 8 a 11.

Foi essa a época da minha vida em que eu mais me desenvolvi, mais cresci e mais aprendi. As vivências que tive com os trabalhos na igreja me fizeram adquirir uma experiência valiosa e que hoje me auxilia na minha vida profissional como pedagoga. De certa forma também, hoje utilizo aquilo que aprendi na Universidade para auxiliar os demais professores da Escola Dominical a desenvolverem seu trabalho da melhor forma possível.

Os ensinamentos, o social e o Hip Hop.

Uma outra questão que fez e faz parte da minha formação desde muito cedo é o interesse pelo social, especialmente no sentido de me importar com os outros, de sentir sua dor, a ponto de chorar junto e procurar ajudar da melhor forma possível. Sempre observei o modo como minha família trata as pessoas e fui aprendendo com ela a me importar. A vovó Esmeralda, um docinho de pessoa, mesmo não tendo muito, sempre procurou compartilhar o que tinha com as outras pessoas. Ela sempre conta histórias de quando ela mesma não tinha muitas condições e foi ajudada e de como Deus nos recompensa quando nos dispomos a ajudar outras pessoas também. Como ela mesma cita um versículo Bíblico (dentre os vários que ela sabe de cor) que eu já decorei: “E não vos canseis de fazer o bem que a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido.”

Mesmo a mamãe sempre me ensinou bastante sobre isso. Quando nos mudamos para o Setor de Mansões, que na verdade mais parecia um setor de barracos, fomos para uma igreja que ficava nas proximidades. Ela dava aula na Escola Bíblica Dominical e a maioria dos alunos eram carentes. Lembro que ela fazia questão de levar o lanche a todas as crianças da escolinha e, sempre que possível, fazia a festinha dos aniversariantes lá em casa – para muitos, era a única festa de aniversário que eles tinham. Meus pais também, ‘desde sempre’, ao final do ano fazem compras especiais e montam cestas básicas para dar, tanto a pessoas da família que necessitam, quanto para pessoas que conhecemos e que estão passando por alguma necessidade. Meus pais ensinavam-me que quando Deus nos abençoa com algo, devemos abençoar outras pessoas também.

Somando-se o que minha família me ensinara à realidade que eu observava no dia a

dia e nas letras de rap, fui ficando cada vez mais inconformada com a situação de abandono que boa parte da sociedade brasileira vive. Indignava-me a desigualdade social, a pobreza cada vez maior, a discriminação e a indiferença das pessoas com relação a isso. Eu gosto de animais, mas me causa profunda repulsa perceber que algumas pessoas gastam muito dinheiro tratando um cachorro como príncipe quando poderiam ajudar uma criança e não o fazem.

Até então eu apenas ouvia os raps, mas não sabia o que era o movimento Hip-Hop e tampouco conhecia seus elementos ou quem fazia parte dele. Isso só veio a acontecer anos depois do meu primeiro contato com o Rap, “promovido” pelo meu irmão que trouxera uma fita “cassete” com diversas músicas. Apesar de ter sido meu irmão a ter o primeiro contato com o Hip-Hop, fui eu quem mais se interessou e se apaixonou pela música e pela cultura. Isso causou (e causa até hoje) muita estranheza por parte das pessoas ao meu redor. Infelizmente, as pessoas ainda enxergam o Rap e o Movimento Hip-Hop de modo preconceituoso e, talvez por isso, cause tanta estranheza uma “mocinha meiga e delicada” como eu fazer parte de algo tão “violentamente marginal”.

É, ao mesmo tempo, triste e interessante o modo como esse preconceito se revela na sociedade e como se mostrou de certa forma na minha própria família. Ao conhecer e ingressar no Azulim, em Sobradinho 2, lembro dos meus pais alertando-me para que tomasse cuidado ao andar pelas ruas da cidade, pois aos seus olhos eram extremamente perigosas. Lembro da tia Rute persuadindo-me ‘de leve’ que tomasse cuidado com os meninos (que ela nem conhecia) com quem eu andava. Sei que é a preocupação natural da família e, no que diz respeito à família super protetora que tenho, é absolutamente normal que tentem me resguardar de qualquer eventual dano futuro, porém, no fundo, ao observarmos mais atentamente os discursos, percebemos que o medo desse outro desconhecido e diferente sempre se revela. Aos poucos, os “desconhecidos”, não tão desconhecidos assim, foram se incorporando não só à minha realidade, como também à minha própria família. As barreiras foram caindo e os “outros meninos” se tornaram “meus meninos”, minha outra família, minha “crew”.

A escola, a junção de tudo e mais um pouco...

Quando tinha dez meses de idade minha mãe começou a trabalhar no Supremo Tribunal Federal, por isso, creio eu, ingressei na Risca e Rabisca (uma escolinha da rua onde eu morava) aos três anos de idade, o que à época era muito cedo. Minha mãe conta que por ser muito magrinha e pequena, as outras crianças me faziam de boneca, carregando-me no colo

por todos os lados. Lembro-me até hoje da tia Socorro, a dona da escola. Vez ou outra nos encontramos pelas ruas da cidade e ela sempre se espanta com o quanto eu cresci.

Foi nessa escolinha onde tive o primeiro contato com a educação formal. Era uma escolinha bem pequena, instalada em uma casa na mesma rua em que meus avós moram até hoje. Não me recordo de muitas coisas desse período, mas tenho vagas lembranças das brincadeiras embaixo da árvore, da vovó Esmeralda ou da Tia Ana buscando-me todas as tardes na escola, do uniforme amarelo sol, das festinhas dos coleguinhos e da tia Valéria, minha primeira professora. Lembro-me também que, nesse período, eu e meu irmão éramos bem mais unidos, tanto que, certa feita, saímos escondidos de casa e fomos visitar um coleguinha da escola na mesma rua. Ficamos a tarde toda entretidos com o ramster que ele tinha e meus pais, desesperados, nos procurando por todas as ruas da cidade.

Depois da Risca e Rabisca, fui matriculada no Jardim de Infância II. Para tanto, lembro que os meus pais dormiram na porta da escola uma noite inteira. Eu gostava da escola. Era elogiada pelo capricho nos desenhos e por aprender os conteúdos com rapidez. Gostava muito das atividades de canto e dança, das apresentações, dos ensaios para a festa Junina... Acho que foi aí que tive meu gosto pela dança despertado mais intensamente. Lembro que vivia na ponta dos pés, mesmo sem ter feito nenhuma aula de *Ballet*. Por falar em dança, passei realmente a amar dançar. Nesse período, ganhei da tia Fátima até uma roupinha de Lambada. Há em minha casa vídeos ‘comprometedores’ da minha pessoa dançando lambada com o Jú, fazendo “apresentações” em cima da mesa e coisas desse tipo. Meu pai não aprovava muito a ideia da dança, tanto que eu dançava escondida, segundo relatos da mamãe. Acho que eu tanto fiz, que ele viu que não tinha jeito de me fazer largar a dança. Começou com lambada, “evoluiu” para as músicas do “É o Tchan”, depois passei a dançar na igreja, fiz aulas de *Ballet* depois de grande, aprendi dança de salão na UnB e Dança de Rua no Grupo Cultural Azulim. Dança faz parte da minha vida, desde sempre e é uma das minhas grandes paixões.

Foi no Jardim de Infância II onde aprendi a ler as primeiras ‘palavrinhas’. Há ainda flashes, em minha memória, das atividades com rótulos de produtos alimentícios. E, por falar em rótulos, a primeira palavra que lí quando cheguei da escola certo dia, estava no rótulo de um refrigerante de uva na cozinha da casa da vovó: Grapette.

Após o Jardim de Infância, fui para outra escola pública, a Escola Classe 1, também em Sobradinho. Nessa escola, permaneci da primeira à quarta série. Lembro-me de ajudar a

professora a ensinar alguns colegas que tinham dificuldade em matérias que eu aprendia mais facilmente. Minha mãe conta que, desde pequena, eu brincava de ser professora com minha irmã e minhas bonecas. Na escola, eu acabei me tornando uma “professorinha” de verdade.

Sempre gostei muito de ler e meus presentes de natal, aniversário e dia das crianças geralmente eram historinhas infantis. Em casa, fazia questão de contar as histórias aos meus pais e incentivar meus irmãos a fazerem o mesmo. Na nossa casa, sempre brincávamos bastante e, praticamente todos os dias, após chegarmos da escola, nos juntávamos e fazíamos uma peça improvisada ou uma música sobre algo que havia acontecido no dia e apresentávamos para nossos pais nos intervalos do jornal. Minha criatividade era muito estimulada por minha mãe, principalmente, e isso gerou bons frutos. Um desses frutos se deu já na primeira série, quando escrevi minha primeira historinha, que foi selecionada para ir para o livro da escola. Posteriormente, fiz também uma paródia que foi selecionada para representar a escola em um concurso de paródias com estudantes de outras instituições de ensino.

Na Escola Classe 1 passei por momentos que marcaram muito minha vida. Foi nessa escola onde eu mais dancei. Sempre havia gincanas e apresentações com danças e eu adorava! Nos recreios, sempre música saindo pelas caixinhas de som espalhadas pela escola, por isso, todos os dias eu e minhas amigas íamos para o pátio e ficávamos praticamente o intervalo inteiro dançando. Era a época do “É o Tchan” e eu sabia todas as coreografias. Sentia-me culpada por meu pai não gostar, mas não conseguia parar de dançar. Foi nessa escola também onde comecei a sofrer *bullying*. Por conta dos problemas de saúde enfrentados desde muito pequena, sempre tomei muitos remédios, em geral anti-alérgicos, que me fizeram, dentre outras coisas, a aumentar bastante de peso. Quando cheguei à terceira série, se não me engano, fiz amizade com uma menina chamada Renata. Estávamos sempre juntas. Não sei se por causa disso, um colega de turma resolveu nos importunar todos os dias. A mim, por ser gordinha e a ela, por ser negra. Ouvíamos muitos xingamentos e provocações e, em geral, não sabíamos como reagir. Eu chorava bastante e ficava muito envergonhada por tudo o que estava acontecendo, até que falei com meu pai e ele foi a escola conversar com o garoto, que passou a nos perturbar menos.

Após concluir a quarta série, minha mãe ficou com receio de matricular-me novamente em uma escola pública, pois era comum liberarem os alunos para irem para casa caso não houvesse aula e ela, sempre muito protetora, me matriculou, e aos meus irmãos, em

uma escola particular, pois a mesma possuía cuidado e atenção maiores quanto à saída dos alunos. Cheguei ao Centro de Ensino Sete Estrelas muito receosa. Para mim, os alunos de escolas particulares eram esnobes e, por não possuir uma renda elevada, talvez fosse vítima de discriminação. Quando cheguei à escola, a maioria dos colegas já se conheciam e eu fiquei bastante acanhada com a situação. Talvez por conta do *bullying* sofrido, fiquei mais calada e tímida em sala de aula e isso se refletiu na relação com os colegas. De início, fiz pouquíssimos amigos e isso deixou-me muito triste. Esse ambiente totalmente novo e com pessoas desconhecidas fez-me sentir excluída e por isso, passei a ‘inventar’ estar passando mal para ir mais cedo pra casa. Tamanha era minha aflição que cheguei a provocar vômitos para atestar que estava realmente doente.

Ao perceber essa situação, tanto a coordenadora quanto a minha mãe conversaram comigo. Aos poucos fui fazendo amizades e encarando de uma forma melhor as situações. Permaneci nessa mesma escola da quinta série até o terceiro ano do ensino médio. Fiz amizades que levo até hoje e fui marcada por diversos fatos. Os acontecimentos mais marcantes se deram em geral no terceiro ano do segundo grau. Sempre fui uma aluna muito calada em sala, era considerada uma “ótima aluna”, mas, até mesmo por medo de recriminações, expressava muito pouco o que pensava e sentia. Quando cheguei ao ensino médio fui amadurecendo mais e abandonando os medos que o *bullying* havia deixado. Passei a expressar-me mais, a me relacionar melhor e mais profundamente com os colegas de turma e professores.

Não me recordo desde quando isso começou a acontecer, mas meu senso crítico foi sendo desenvolvido pouco a pouco e ao chegar ao ensino médio ele se encontrava “à flor da pele”. Tive um professor de Geografia, o Aldo, que o tempo todo nos instigava, nos ensinava a questionar, a pensar sobre os fatos, sobre as informações que chegavam a nós e não apenas a aceitarmos o que nos era imposto. Comecei a enxergar o mundo e a minha realidade de uma outra maneira. Questionava as situações que ocorriam no mundo, na sociedade, na realidade da minha cidade e da minha escola. Uma amiga muito querida acompanhava-me também nesses questionamentos: a Laíse, ou Lisa, como a chamo até hoje.

Esses três últimos anos da minha vida escolar, antes da universidade, foram fundamentais e muito especiais também. Lembro que começamos a ter aulas de Educação física à tarde e, por isso, eu e a Lisa acabávamos ficando direto na escola e almoçando na padaria que ficava no final da rua. Passávamos a tarde praticamente inteira rindo e falando

bobagens e quando algo nos inspirava, em especial nas aulas de geografia, discutíamos bastante sobre como está o mundo, a ‘bagunça’ da sociedade, a manipulação dos meios de comunicação e sobre o “capitalismo selvagem”. Foi nessa época também que me interessei e comecei a gostar cada vez mais de Rap – um dos elementos da cultura Hip Hop. As letras das músicas me fascinavam, em especial por que eram um modo criativo e interessante de denúncia e crítica social. O Aldo em sala de aula e o Rap fora dela faziam ‘ferver’ em mim a crítica e o olhar diferenciado sobre o mundo.

E todo esse “olhar diferenciado” me fez tomar uma atitude, para meus colegas e professores, um tanto inusitada para uma pessoa tão “doce e quieta” como eu. Nas últimas provas do último bimestre do terceiro ano, já descontente com as práticas adotadas de desrespeito ao aluno na escola da qual eu fazia parte, passei a questionar e a bater de frente com a direção e fiz um protesto silencioso com relação a um dos professores. Na verdade, meu protesto era quanto à política do “eu finjo que ensino e vocês fingem que aprendem”. Percebi que não importava o quanto conversasse em sala de aula e o quanto não prestasse atenção às explicações do professor de física, sempre passava nas provas dele. Era só prestar atenção à correção dos exercícios da aula de revisão, observar a fórmula, que eu passava com notas altas. Acontecia que o professor mantinha as mesmas provas todos os anos e dava exercícios nas provas praticamente idênticos aos que ele corrigia nas aulas de revisão. Ao perceber que a prova final do bimestre era absolutamente idêntica à prova que ele já havia aplicado dias antes, decidi entregar a prova em branco, com um recado respeitoso ao final que dizia em poucas letras: “Professor, o senhor não está testando nossa capacidade de aprendizagem e sim nossa memória. Esta prova é igual àquela que o senhor passou dias atrás, cuja minha nota foi 10. Desculpe, mas não farei novamente o que já fiz.” No dia seguinte fui chamada à sala da direção, sozinha, para uma reunião com a diretora, a coordenadora geral, o professor e a coordenadora do Ensino Médio. Depois de sete anos naquela escola, sem me pronunciar em nada, a diretora me disse que eu estava saindo daquela instituição de ensino com uma enorme mancha negra, pois havia desrespeitado o professor com a minha atitude de protesto. Perguntei ao professor, na frente de todos, se ele se sentira desrespeitado pelo que eu fiz e ele respondeu que não. Mesmo assim, fui taxada de ‘aluna lixo’ e de ter jogado anos de bom comportamento ‘ralo abaixo’.

Não sei se o que deixou a diretora naquele estado de nervos se deveu ao fato de eu ter, de certo modo, denunciado (o que posteriormente eu aprenderia que Paulo Freire denominou) a “Educação Bancária” que ela tanto defendia, não sei se foi pelo fato de que o professor em

questão era seu futuro genro ou se foi por que, dias antes, contestei sua postura extremamente arrogante frente às questões que nós, alunos do terceiro ano, havíamos proposto para nossa formatura. O fato é que a diretora que se autodenominava “Eu Mando!” me fez chorar de raiva pela injustiça cometida e me abriu os olhos para quem eu jamais deveria ser se me tornasse educadora.

Outra questão marcante em minha vida, nesse terceiro ano, foi a gravidez precoce de duas amigas minhas, em especial, a gravidez da Lisa. Fora uma gravidez indesejada, a qual ela tentou esconder pelo máximo de tempo possível. As outras meninas da sala, com as quais a Laise tinha algumas desavenças, fizeram questão de fazer o clima da sala ficar insuportável com fofocas e ‘picuinhas’. Eu e a Lisa enfrentamos a situação juntas, tanto, que hoje sou madrinha da filhinha linda dela: a Aysha.

Ao concluir o Ensino Médio, resolvi fazer um curso de massoterapeuta e depois comecei a estudar para concursos. Foi nessa época que me mudei para a casa da Tia Fátima e do Tio Severo. Passara-se um ano e meio desde que eu saíra do Ensino Médio e inacreditavelmente os editais para concurso pareciam ter desaparecido completamente. Eu estava estudando sem ter um concurso aberto, o que foi me entristecendo, desestimulando e frustrando. Lembro que falei com Deus que não estava mais suportando aquela situação de estagnação e que precisava que Ele fizesse alguma coisa. Pedido feito, pedido concedido.

Ao abrirem as inscrições para o vestibular do meio do ano, minha tia conversou comigo sobre a possibilidade de eu me inscrever e insistiu que eu fizesse a prova. Eu não havia pensado nessa possibilidade e, realmente, achei a idéia um tanto fora de questão, afinal, era o vestibular da UnB... Sabe ‘aquele’ vestibular para o qual as pessoas passam o ano inteiro se preparando em cursinhos e ainda assim não são aprovadas? Então, era esse! Já havia se passado um ano e meio desde que eu me formara e fazia esse tempo também que eu não tinha contato com matéria alguma que ‘cairia’ no vestibular. Para mim, como falei com minha mãe ao telefone quando ela ligou para saber em que curso eu gostaria de me inscrever, eram 80 reais jogados na lata do lixo, pois eu estava certa de que não passaria. Contudo, fui vencida por minha mãe e minha tia. Quando a mamãe me disse que não tinha escolha e perguntou qual curso eu gostaria de fazer, fiquei sem saber. Não estava pensando nisso naquele momento. Minha idéia era passar em um concurso e, com meu salário, pagar a faculdade particular que meus pais não tinham condições de pagar. Então, quando ela me perguntou sobre a opção, eu respondi a esmo se havia fisioterapia na UnB. Diante da resposta negativa, pedi que ela fosse

me falando curso por curso na lista. Quando ela chegou em Pedagogia eu perguntei: “Mãe, a senhora acha que eu levo jeito pra isso?”. Diante da resposta positiva, falei: “Ah! Então coloca esse daí mesmo.” Eu jamais imaginei que passaria, ainda mais nessas condições.

Estava tão ‘desacreditada’ que nem fiquei esperando a prova para conferir o gabarito, a não ser pelo caderno de ‘humanas’, pois eu imaginava que poderia acertar uma ou outra questão de gramática. No dia em que o resultado saiu não olhei na internet. Acho que nem lembrava que o resultado sairia naquele dia. Fui para um culto na casa de um amigo naquela noite e quando estava lá minha mãe ligou desesperada para minha irmã, pois não conseguia falar comigo. Minha irmã passou-me o telefone assustada, achando que, pela histeria da minha mãe, havia acontecido algo de muito ruim. Quando atendi minha mãe gritou do outro lado: “Juci! Parabéns! Você passou no vestibular!” Eu fiquei tão surpresa que realmente não acreditei. Como foi o Tio Severo quem havia conferido o resultado, acreditei que ele poderia ter se confundido e, por isso, nem cheguei a comemorar. Tentei entrar na internet na casa desse meu amigo e como não consegui, nem liguei tanto para o resultado. Achava que realmente tudo não passava de um grande engano. Só fui acreditar mesmo quando comprei um jornal da cidade e vi, ‘com meus próprios olhos’, meu nome escrito na listagem. Era inacreditável! E ainda bem que eu estava errada sobre tudo... benditos 80 reais gastos! Bendita mãe e bendita tia que obrigaram-me a fazer o vestibular. Bendito Deus lindo que fez o que eu realmente considero um milagre na minha vida!

Logo nos primeiros dias de aula, conheci algumas pessoas que aos poucos foram se tornando essenciais na minha vida. Creio que antes mesmo do final do primeiro mês já havíamos nos tornado amigos e continuamos assim até hoje. Eu (Jujuba Vermelha, a mais gostosa), a Isadora (Marida ou Dona Girafinha), a Gabriela (Gaby’s), a Livia (Lila ou Liloca), a Ellen (Lelen ou Hellena Graciosa), o Manoj (Homem Ácido ou Manoj mesmo) e o Jeferson (Jheff ou filho) acabamos formando um grupo auto-denominado como Eixo do Mal. Éramos o grupo de amigos mais unido, mais divertido e mais criativo que a Pedagogia já viu, modéstia à parte. Fazíamos os trabalhos mais divertidos, loucos e interessantes de todas as turmas pelas quais passamos. Já nos vestimos de prostitutas e travesti (o que causou um problema gigantesco no Pavilhão Anísio Teixeira, já que o Jheff, que diga-se de passagem é homossexual, não pôde se arrumar para o trabalho nem no banheiro masculino nem no feminino), já nos vestimos a La Anos 60 (eu fui o Elvis, só para constar), já nos vestimos de criança, subimos em cima da mesa, cantamos, fizemos teatro improvisado e saímos arrastados pelos pés da sala de aula. Juntos, nós éramos os melhores!

A UnB uniu, a UnB fez questão de “separar”... Aos poucos nossos caminhos na universidade foram se distanciando e tomamos rumos diferentes, mesmo dentro do mesmo curso, porém, nossa amizade perdura até hoje. Sempre que podemos estamos juntos, nos divertindo, conversando, nos apoiando. Certamente, esse foi o melhor presente que a Pedagogia me trouxe. Jamais esquecerei nossas brincadeiras nos jardins do Minhocão ou da Faculdade de Educação, dos almoços na casa da Isa e dos macarrões com salsicha verde. Jamais esquecerei das piadinhas ácidas do Manoj, da doçura da Lila, da risada da Gaby’s, dos penteados do Jheff, das longas pernas da Hellena Graciosa, tão grandes quanto sua responsabilidade, da sensibilidade e TPM da Isa, do amor que sempre existiu entre nós.

Ao longo da graduação, cada um de nós tomou um caminho diferenciado. Eu comecei a trabalhar em uma escola de educação infantil como professora regente do Maternal. Aqueles meninos me deixavam louca, mas nunca trabalhei com tanto prazer como naquele lugar. Sofri bastante por ser professora novata e sem experiência alguma em educação formal, mas amei trabalhar lá. Contudo, reger uma turma e ‘dar conta’ de todas as matérias em pleno terceiro semestre começou a se tornar altamente complicado para mim. Surgiu então uma proposta de estágio em outra escola e fui pra lá, trabalhar como professora “auxiliar” em uma turma enorme e bagunceira de crianças de 4 e 5 anos. Aprendi imensamente e levo comigo amizades que lá se formaram até hoje. Trabalhar com crianças na educação formal foi difícil, mas altamente delicioso.

Em meio à minha graduação passei a me envolver com projetos de extensão e confesso que adorei. A experiência que o Projeto Rondon me proporcionou foi ímpar e, se pudesse, viajaria todos os anos. O contato com os professores do Rondon também me abriram portas para outro projeto: o “Educação Integral e Inclusão Social no Assentamento do Recanto das Emas”. Faço parte desse projeto há três semestres e honestamente não estou certa de querer abandoná-lo após a conclusão do meu curso. Nesse projeto pude aprender muito com cada criança, cada colega, cada dia diferente. Fiz de tudo para contribuir com meus conhecimentos naquela comunidade carente, mas tenho certeza de que recebi muito mais do que jamais poderia dar. Por isso sou imensamente grata à professora Lenora Gandolfi e ao professor Álvaro por terem me conduzido tão bem do Rondon ao Educação Integral e acreditado no meu trabalho.

Meu interesse pelo social crescia a cada dia que passava, a cada projeto que participava e a cada Paulo Freire que lia. A educação é para todos e deve ser proporcionada da

melhor maneira possível, especialmente a quem mais necessita dela. Meu interesse pela cultura Hip-Hop também crescia, até por que sempre acreditei nela como uma poderosa arma para educar criticamente. Na busca por um viés diferente para a atuação pedagógica, descobri o Grupo Cultural Azulim.

Minha amiga Laise, de quem eu já falei, era amiga de um dos fundadores do Azulim, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que trabalha com o Hip-Hop na comunidade carente de Sobradinho 2. Certo dia, quando conversávamos, ela me falou sobre um curso de Terapia Comunitária que era realizado nesse espaço e que eu precisava conhecer por que era a “minha cara”. Ao chegar ao Azulim, dei de cara como uma sala cheia de rapazes e moças dançando no melhor estilo “Hip-Hop”. Fiquei encantada e, ao prestar atenção aos rostos dos dançarinos, percebi que ele não eram assim tão estranhos. Faziam parte daquele grupo ex-alunos da minha mãe na Escola Dominical, crianças que passaram boa parte da infância comigo e que agora não eram mais crianças. Qual não foi minha surpresa quando um deles, o Beto, me chamou para entrar na aula de dança!

Eu amo dançar. Sempre amei e sempre amarei. Deixei a terapia comunitária de lado e entrei na aula de Street Dance. Chamei para virem comigo minha irmã e a Amanda, uma amiga da igreja, praticamente vizinha nossa. Enquanto eu me interessei pela dança, elas se interessaram mais pelo Graffiti e acabei acompanhando as duas em algumas aulas. Foi nessas aulas de Graffiti onde conheci o William, um graffiteiro, rapper, queniano, ‘branquelo’ e ‘esquisitinho’ por quem me apaixonei, quase que de cara.

Aprendi muitas coreografias e participei de diversas apresentações em vários lugares do DF. A dança sempre me teve, mas as pessoas do Graffiti me conquistaram. Muitos dos meninos da dança também eram do graffiti, mas o espaço da sala de Graffiti era mais livre e bagunceiro que o da dança, e eu amava. Até hoje não sei desenhar absolutamente nada, mas sempre que posso saio com os meninos, vou a encontros de Graffiti e fotografo tudo ligado à essa arte, que passei a reconhecer e apreciar. Embora não desenhe um rabisco sequer, faço parte da família de graffiteiros denominada OPA *Crew*, sigla de Oficina de Personalização de Ambientes. Aprendi a amar cada um deles de forma quase incompreensível, a fazer parte da vida deles e eles da minha de forma quase indivisível.

O William é um capítulo à parte, não tão a parte nessa história. Lembro exatamente de quando o vi pela primeira vez entrando pela sala de Graffiti e me olhando como se eu fosse um alienígena. Lembro de como foi irritante comigo na primeira aula que tivemos juntos.

Lembro de como ele sempre foi especial pra mim, mas não me lembro o ponto exato de quando ele se tornou meu melhor amigo e, simplesmente, essencial na minha vida. Lembro de nossas ‘brincadeiras bestas’, de nosso riso solto, das conversas amplas e inteligentes, que iam de assuntos como desenhos antigos e seriados da TV aos conflitos mundiais e a insatisfação com a falta de amor e compreensão no mundo. Lembro de como nosso amigo, o Beto, era essencial no nosso relacionamento, intervindo como mediador em conversas que não terminavam muito amistosas entre nós. Lembro da nossa insistência em tentarmos nos separar por acreditarmos que, por nossas diferenças, simplesmente jamais daríamos certo e de termos essas tentativas todas frustradas, por ser nosso amor maior que nossas diferenças. Lembro da falta que ele me faz agora que passou para a Marinha Mercante do Rio de Janeiro e das esperanças que ainda vivem dele voltar para nos encontrarmos um dia (quem sabe?!).

Outras pessoas importantes para mim são o Beto e sua esposa, a Renata. Pessoas que quando conheci ainda eram solteiras e de quem sou madrinha de casamento. Eles são meus grandes companheiros e amigos, sempre presentes quando preciso. O Beto a Renata, o William e toda a OPA são presentes incríveis que Deus me deu e são também grandes influências na escolha do meu tema de monografia.

Ao observar as vivências, preconceitos e dificuldades enfrentados por esses meus amigos no decorrer de suas vidas e, em especial, de sua caminhada acadêmica, percebi detalhes relevantes que tem interferido em suas escolhas e conseqüentemente em seus futuros. No que diz respeito ao Hip-Hop, comum a todos eles, a todos nós, percebo um discurso interessante, no que tange à importância da educação, que todos reconhecemos. Porém, no dia a dia, no decorrer da vida na escola, percebo que, muitas vezes, o discurso não acompanha a prática. Não por que não estejam interessados em progredir, em aprender, mas por que a realidade das escolas parece excludente demais, parcial demais, impossível demais para eles e isso não é justo. Foi buscando entender o que acontece no tripé Hip-Hop, Educação/Escola e “meus meninos” que me decidi pelo tema das representações sociais, que permeia as três esferas e ‘dita’, na vida de muitos, seus destinos.

RESUMO

O presente trabalho procura analisar as representações sociais sobre a escola na perspectiva dos integrantes do movimento Hip-Hop. Para isso, busca abordar no referencial teórico a conceituação de Representações Sociais acrescida da questão da experiência, bem como a trajetória histórica, social e cultural do Hip-Hop, pontuando seus elementos formadores e a relação do mesmo com a educação. Por fim, faz-se uma análise oriunda dos questionários corroboradas pelas letras de música relacionadas ao tema. Foi utilizada para a pesquisa de campo a abordagem exploratória. Os participantes foram treze integrantes do movimento Hip-Hop da cidade de Sobradinho II, no Distrito Federal. Os resultados indicam que, para os integrantes do movimento Hip-Hop, embora a importância dos estudos e da educação seja reconhecida e amplamente aceita, o papel da escola é permeado por divergências relacionadas tanto a seu viés de promotora de coesão social quanto às relações de preconceito e discriminação que nela ocorrem. As divergências geradas despertaram uma reflexão acerca da educação e do papel das instituições escolares. Essa reflexão possibilitou uma nova perspectiva acerca da relação entre o Hip-Hop e a escola, sugerido sua utilização em favor da educação e da promoção de uma efetiva mudança social. Conclui-se que, apesar das Representações acerca da relevância dos estudos para a progressão social e como propiciador de um futuro melhor, a escola por vezes se distancia do conceito de educação, evidenciando-se assim, conflitos de opiniões e representações.

Palavras-chave: Hip-Hop; Representações Sociais; estudo; escola; experiência; preconceito; mudança social.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da pesquisa realizada na disciplina de projeto V do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília que teve como propósito analisar as Representações Sociais sobre a escola por parte dos integrantes do movimento Hip-Hop. Para isso se verificou quais são as opiniões dos mesmos sobre a importância dos estudos e a visão que eles tem da escola, através de questionamentos diretos e a solicitação de palavras chave, bem como se analisou letras de músicas, por meio das quais se pudesse obter direcionamentos que levassem à compreensão dessas representações.

No que se refere aos objetivos deste trabalho, podemos destacar como o **objetivo geral** a análise **das Representações Sociais sobre a escola na perspectiva dos integrantes do movimento Hip-Hop**. Para se alcançar este objetivo maior foram traçados **objetivos específicos: identificar as Representações Sociais sobre educação/escola; identificar as contribuições do Hip-Hop para a escola/educação e; analisar as mensagens das letras das músicas do Hip-Hop sobre a escola e suas representações**.

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma pesquisa de campo com jovens e adolescentes participantes da OSCIP Grupo Cultural Azulim e integrantes do movimento Hip-Hop. Para alcançar os objetivos definidos por esta pesquisa, cuja metodologia consiste no estudo exploratório, foi realizada a compilação do Referencial teórico, aplicados questionários aos participantes supra-citados e feitas análises, tanto dos questionários quanto de letras de Rap que versavam sobre educação/escola.

O capítulo 1 se dedica a delinear uma linha do tempo, sobre a qual os elementos do Hip-Hop foram surgindo e se configurando como parte de uma mesma cultura. Nele, cada um dos componentes da cultura Hip-Hop são apresentados ,e por fim, é explicitada, brevemente, a relação entre o movimento e a educação.

O capítulo 2 faz um apanhado geral dos conceitos que giram em torno das Representações Sociais e da Teoria das Representações Sociais, indo do conceito de representações coletivas e sociais, passando pelos conceitos de ancoragem e subjetivação, pelas representações individuais e chegando a relação das Representações Sociais com a experiência e o vivido, onde por fim, se faz uma relação entre a experiência e a educação.

No capítulo 3 é exposta a metodologia de pesquisa utilizada na execução deste trabalho, a descrição dos participantes da pesquisa, os instrumentos utilizados para o

desempenho dos objetivos e os procedimentos realizados para o cumprimento das atividades. O capítulo 4 analisa os resultados da pesquisa e das letras das músicas, de acordo com os teóricos expostos neste trabalho e, por fim, o capítulo 5 traz as considerações finais obtidas a partir do trabalho realizado.

CAPÍTULO I

Hip-Hop: História, Constituição e a educação nesse contexto.

Cultura inventada na década de 70, nos Estados Unidos, o Hip-Hop tem se espalhado por todo o mundo, incorporando-se, modificando e sendo modificado por diversas outras culturas. Essa cultura ou movimento, como também é chamado, tem influenciado diretamente a vida de milhares de crianças, jovens e adolescentes, mostrando a estes um novo jeito de se vestir, falar, pensar, ser e estar no mundo.

De acordo com Brandão e Duarte (1990), “O homem se distingue dos demais animais pela capacidade de instituir raciocínio lógico, articular ideias e, sobretudo, pelo caráter criador que lhe é inerente. Ao produto da junção dessas habilidades humanas, dá-se o nome de Cultura.”. Já Laraia (2005), citando Benedict diz que a escritora, em seu livro “O Crisântemo e a Espada”, escreve que “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo.” (BENEDICT, 1972 apud LARAIA, 2005, p.67).

Desse modo, a cultura pode ser entendida como os óculos através do qual o indivíduo enxerga sua realidade, interpreta os acontecimentos e organiza suas ações, construindo a partir dela, sua visão de mundo. Segundo Mannheim, as visões de mundo resultam de

...uma série de vivências ou experiências ligadas a uma mesma estrutura que, por sua vez, constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos. A visão de mundo não é a totalidade das formações espirituais presentes em uma determinada época, nem a soma dos indivíduos existentes nessa época, mas o conjunto de vivências ou experiências interconectadas estruturalmente, podendo ser determinada tanto pelas criações espirituais como pelos grupos sociais formados. (1980, p.101, apud Weller, 2004).

Assim, o Hip-Hop tem influenciado milhões de pessoas em todo o mundo, em diferentes aspectos de suas vidas, transformando o modo como encaram os acontecimentos que ocorrem ao seu redor, bem como as atitudes tomadas a partir desse novo ponto de vista e atribuindo novos sentidos para a sua realidade.

Segundo Santos (2006), a cultura abarca tudo o que caracteriza uma população humana e a existência social de um povo. Sua diversidade acompanha a variedade da história da própria humanidade. A cultura diz respeito não apenas ao conceito de uma educação formal, associada ao estudo ou formação escolar, bem como, não se limita às tradições ou manifestações artísticas como música, dança ou teatro. Para Santos (2006, p. 50), cultura “É a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as

maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, ela mesma em processo, uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas.”. De acordo com esse autor, cada cultura possui suas próprias verdades, sua própria lógica interna e seu modo particular de pensar a realidade, muitas vezes de forma contraditória. Em seu processo de construção, as culturas interrelacionam-se com outras, se modificando de modo dinâmico e transformador. A cultura Hip-Hop não é diferente. Ela faz parte de uma construção multifacetada, surgida da interação entre vários povos diferentes e que hoje está presente em diversos países, assimilando da cultura ali presente, características que a incorporam e diversificam.

Os tópicos a seguir se basearão nas pesquisas realizadas por Isidoro Filho (2011).

O Hip-Hop tem suas origens na Jamaica, país onde, na década de 1960, surgiu um modo singular de resistência política. A população utilizava-se da música como instrumento de denúncia contra o sistema político vigente. Assim, segundo Richard (2005), os discursos eram acompanhados por *sound systems* (aparelhos de áudio potentes) e proferidos pelos chamados *toasters*, personagens muito semelhantes aos *griot*, mestres da sabedoria africana e transmissores da memória cultural de determinados grupos sociais, cujos ensinamentos eram proferidos por meio de cantos. Os *toasters*, ao seu modo, traduziram a junção dos *griot* a uma outra tradição, afroamericana, surgida na época da escravidão, chamada de *sprintual*, que consistia em uma canção religiosa que servia de alimento espiritual aos escravos para a resistência à condição degradante em que viviam.

Na década de 1970, um contingente considerável da população jamaicana foi forçada a sair de seu país, devido ao agravamento da crise política e econômica que o mesmo enfrentava. Essa parcela de emigrantes contava com uma significativa quantidade de pessoas engajadas no movimento dos *toasters* e ativistas políticos. Ao procurar melhores condições de vida na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, muitos destes se depararam com a marginalização e condições, por vezes, ainda mais precárias que aquelas das quais fugiram. Do encontro entre os emigrantes jamaicanos e a população local pobre, marginalizada e igualmente descontente com a situação política e social a que estavam submetidos, surgiu um movimento artístico-cultural de enfrentamento ao sistema vigente.

Foi em meio a condições precárias de vida, ausência do poder público e constantes conflitos de gangues que o Hip-Hop se originou. Segundo Rosa, ele surgiu

...em meados dos anos 70 nos Bairros negros de Nova York: Bronx, Harlem, Brooklim e Queens, nos Estados Unidos, tendo se alicerçado na música negra jamaicana. Sua base imprimiu a consolidação de um movimento sociocultural e artístico que se estende até o dia de hoje. Teve

como característica principal a identificação jovem na prerrogativa de se fazer expressar pela sua arte, refletindo sua inconformidade e resistência diante do racismo e preconceito sofridos pela comunidade moradora dessas localidades. (ROSA,1994 apud BARBOSA, 2005, p.40)

Cada um de seus quatro elementos, quais sejam o DJ (Disk-Jóquei), o MC (Mestre de Cerimônia), a Breakdance (dança de rua) e o Graffiti (arte plástica), foram surgindo gradativa e complementarmente e hoje constituem, em especial no Brasil, um movimento de resistência sociocultural e política, formador de opiniões e influenciador de estilos de vida e representações sociais.

O primeiro dos quatro elementos que hoje compõe essa cultura surgiu no bairro do Bronx, em Nova York, onde os jamaicanos Kool Herc e Grand Master Flash realizavam festas e praticavam nelas seu modo peculiar de música. Os músicos, chamados posteriormente de Disk Jóqueis, ou DJs, produziam um som arranhado, causado pela movimentação do disco de vinil em sentido anti-horário e sobrepunham a esta base musical sons variados e trechos de músicas conhecidas, produzindo, assim, intervenções ritmadas na cadência musical e com isso uma ligação diferenciada entre o público e eles, atuando consciente e sistematicamente, de modo a produzir “uma dimensão simbólica capaz de comunicar-se com seu alvo específico” (p. 37). Assim, foram criados novos códigos de identificação com a comunidade por esses músicos, que retratavam através de sua técnica diferenciada a Metrópole caótica. Surgia aí o primeiro elemento do Hip-Hop: os DJs.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Em decorrência das sensações diversas provocadas pela atuação dos DJs em seus modos instigantes e diferentes de fazer música, surgiram também novas formas de dançar, igualmente irreverentes. Os movimentos propunham em sua forma a tematização da violência e a situação opressora a que os cidadãos estavam sendo submetidos. Assim, muitos dos movimentos foram inspirados pela guerra do Vietnã, onde os dançarinos imitavam em sua representação os corpos dos soldados mutilados na guerra, bem como simulavam as hélices dos helicópteros num movimento chamado *Power-move*. A esses dançarinos foi dado o nome de *Break Boys*, que, produzindo danças inspiradas na realidade das ruas, como o *breaking*, acabaram por herdar de sua dança o nome. Nasce aí o segundo elemento do Hip-Hop.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.



O terceiro elemento, MC ou Mestre de Cerimônia, nasceu da interação entre os DJs e o público das festas que eles promoviam. Influenciados pelos toastes jamaicanos, Kool-Herc e Grand Master Flash propagavam suas falas, que refletiam questões sobre a situação social marginalizada nas quais os grupos se encontravam, ao som e ritmo da música tocada, ao mesmo tempo em que davam oportunidade de resposta aos dançarinos, que expressavam a realidade na qual viviam por meio de rimas improvisadas capazes de interagir e obter respostas vibrantes do público. A essas falas ritmadas, fruto da junção entre as culturas norte-

americana e jamaicana, deu-se o nome de Rap ou Rhythm and Poetry – Ritmo e Poesia. De acordo com Barbosa (2005), o Rap utilizava-se de narrativas de histórias reais, angústias e experiências de vida de seus compositores como expressão de revolta sobre a situação de segregação, racismo e desigualdade a que estavam submetidos e por tais características tinha seu discurso legitimado e aceito.

O Rap produzido pelo MC é considerado o elemento que expressa maior resistência, combatividade e engajamento político-artístico-social, pois é por meio da música que há a maior possibilidade de disseminação de idéias. Segundo Leal (2007), enquanto o Graffiti e o breaking se voltaram mais para a arte, o rap se identificou mais com a causa do povo, tendo destaque pela própria forma de expressar, adquirindo maior responsabilidade, sendo denominado como “porta-voz do movimento, tanto do lado político-ideológico quanto do sócio-cultural” (p. 66)

Fonte: Arquivo pessoal da autora. Desenho cedido pelo artista William Wood IV.



O Graffiti foi o último elemento a surgir e confunde-se, por vezes, com a pixação, sendo necessário, portanto, um breve esclarecimento sobre suas diferenças básicas. Embora tenham surgido à mesma época e sob um denominador comum, o Graffiti diferenciou-se da pixação, por ser esta última, uma expressão predominantemente de demarcação de território, considerada pela maioria das pessoas (e pela lei brasileira) como vandalismo e crime ambiental, consistindo em iniciais e palavras soltas pelos muros, que não buscam uma beleza estética. Por sua vez, de acordo com Hayashi, Bezerra, Figueiredo e Prestes, o Graffiti possui uma preocupação estética, é geralmente bem elaborado, colorido e com desenhos, efeitos e referências gráficas variadas. Nasceu como forma de protesto, enfatizando frases de cunho político, contestando a ordem vigente de ocupação dos espaços públicos sob a forma de intervenções urbanas gráficas, propondo um outro modo de compreensão e relação dos sujeitos com a cidade, entendida por Isidoro Filho (2011, p.42) “como espaço simbólico mediante o qual os sujeitos se significam”.

Fonte: Arquivo pessoal da autora.



Desse modo, o Graffiti interfere no espaço comum das ruas, permitindo ao cidadão deixar de ser “público passivo” e passar a ser agente transformador da realidade através da

reocupação dos espaços por ele habitados. Assim, segundo Orlandi (2000) “[...] as relações de significação, uma vez desencadeadas, se alastram em formas múltiplas que passam a habitar e a significar o espaço da cidade, desenhando seus trajetos nos muros, praças e corpos” (p.43). Ainda, “Fato que implica e impõe o reconhecimento do diferente, do excluído na presença de uma linguagem artística que expressa, tomada pelo sujeito marginalizado, a cidade que habita.” (p.43). O Graffiti então é o elemento final dos quatro que constituem a cultura Hip-Hop, embora o Conhecimento, na atualidade, seja considerado por muitos como o quinto elemento da cultura.

O termo Hip-Hop, que em português quer dizer “saltar mexendo os quadris”, mas que, na realidade, possui um significado muito mais abrangente, ganhou destaque ao ser utilizado pelo DJ Kevins Donavan com o intuito de disseminar “paz, amor, diversão e união”, em suas próprias palavras (ISIDORO FILHO, 2011; BARBOSA, 2005). Kevins, ao se deparar com o modo com que os habitantes do Bronx lidavam com a discriminação, violência e demais questões sociais, de forma criativa e sem o uso da agressão física, viu ali uma nova maneira de intervir na realidade, juntou-se aos DJs Kool-Herc e Grand Master Flash, abandonando a gangue da qual fazia parte, mudou seu nome para Afrika Bambaataa e criou o movimento, no intuito de buscar novas formas de fazer arte e integrá-las a um modo diferente de pensar. Este movimento, composto pelos elementos DJ (Disk-Jóquei), MC (Mestre de Cerimônias), Breaking e Graffiti, e incorporado pelas idéias de não violência, luta social e contestação criativa se espalhou por diversos países do mundo, chegando ao Brasil em meados da década de 1980.

O movimento Hip-Hop chegou ao Brasil por meio da indústria cultural, através das equipes responsáveis pela promoção de bailes, difundido em revistas e discos, escassos naquela época, assim como pela televisão e cinema. Do mesmo modo como ocorreu em outros países, aqui, o Hip-Hop adquiriu características próprias, que o fazem peculiarmente diferente da manifestação que ocorre em outros países. Isso se deu desde o início, sendo o Breaking e não o DJ ou MC o primeiro elemento a ser exercitado em terras tupiniquins.

No início da década de 1980 jovens começaram a se reunir na Rua 24 de Maio, na cidade de São Paulo, para praticar o *break*. Com a popularização dessa dança, a busca de DJs e MCs por novidades e sons diferenciados se acirrou, fazendo com que os discotecários reinvestissem boa parte do que ganhavam em uma rede de *couriers* ou em viagens deles próprios aos Estados Unidos para a compra dessa produção musical. Só na década de 1990, o acesso a esse tipo de produto se globalizou (HERSCHMAN, 2000).

Apesar dessa “popularização” do Hip-Hop causada pelo avanço da mídia, ao chegar ao Brasil o Movimento teve pouco impacto político pois, por não compreenderem o que as letras norte-americanas queriam dizer, ao brasileiro interessou muito mais o ritmo e a dança que as idéias propagadas. Até mesmo as letras produzidas em território nacional até o final da década de 1980 se baseavam exclusivamente no ritmo e na dança, não possuindo ainda discursos de resistência. De acordo com Herschmann (2000), isso também se deve ao fato de, antes da década de 90, não existirem maiores informações sobre o que o movimento Hip-Hop era ou apregoava, tampouco sobre suas referências quanto às políticas sociais e raciais.

Com o passar do tempo e o avanço da globalização, porém, houve o aumento das produções acerca do Hip-Hop e com ele o início de sua tradução no Brasil, desencadeando uma produção mais politizada, possibilitando aos grupos marginalizados a expressão de sua realidade e a resistência diante do sistema social brasileiro. Os precursores desse novo momento do Movimento brasileiro foram DJ Thaíde, DJ Hum e o grupo Racionais MC's. O primeiro álbum brasileiro foi lançado em 1988 e consistia em uma coletânea de músicas de rappers, chamado “Hip-Hop: Cultura de Rua”.

O Hip-Hop brasileiro diferenciou-se não apenas por seu início, mas foi adquirindo características próprias com o decorrer do tempo e de acordo com as possibilidades locais. Desse modo, ao invés da utilização de aparelhos eletrônicos, a técnica do Beat Box (percussão vocal) era quem acompanhava muitos dos discursos de Rap, algumas vezes até mesmo nas gravações. Inicialmente, a falta de recursos para se trabalhar com matrizes norte americanas e aparelhos eletrônicos, provocou não apenas a utilização do Beat Box, mas utilização de *microsystems* (aparelhos comuns de gravação em fitas magnéticas, ou fitas cassete) para a gravação e reprodução das músicas.

É interessante notar, nos dias atuais, a diferenciação que o Hip-Hop brasileiro possui em relação ao norte-americano também com relação à ideologia. Apesar de o Hip-Hop norte-americano ter surgido de um modo muito mais politizado e contestatório que o brasileiro, sobretudo, é o Hip-Hop brasileiro que ainda mantém as características de luta social e política, enquanto que o norte-americano deixou, de certo modo, o cerne da questão social de lado, preocupando-se muito mais com o destaque e sucesso midiático que com suas origens. Este fato é claramente notado, por exemplo, através da análise e comparação de músicas e vídeo clipes de artistas dos Estados Unidos com o de artistas de outros países. Até mesmo o próprio fundador do movimento nos EUA admite essa diferença e, em visita ao Brasil em 1999, Afrika Bambaataa (2011, p. 47)

...revelou gostar muito mais do Hip-Hop do Brasil e de países como Paris, Alemanha, África do Sul, entre outros, do que do Hip-Hop dos Estados Unidos. O idealizador do movimento justificou que o Hip-Hop desses países possui expressões verdadeiras, diferente do movimento norte-americano, que se distanciou das origens reivindicatórias e libertárias.

Desse modo, houve um processo de adaptação, de tradução da cultura Hip-Hop norte-americana para a brasileira, adquirindo características específicas daqui. Richard (2005, apud, ISIDORO FILHO, 2011, p. 43-44), também destaca que “apesar de ter sua estrutura original formada nos Estados Unidos, a cultura do Hip-Hop é característica de cada nação – o movimento sempre tende a retratar a realidade local.”. A questão de trabalhar a reeducação de jovens habitantes dos territórios marginalizados, proposta por Afrika Bambaataa, por exemplo, se difundiu de modo insuficiente em território norte americano, enquanto que no Brasil, esse se apresenta como um dos objetivos primordiais do Hip-Hop, ao lado da denúncia acerca da marginalização e situação dos grupos afro-brasileiros e simpatizantes do movimento.

Apesar dessas diferenças, porém, a influência norte-americana resguardada no Brasil é a questão das instituições e Organizações não-governamentais que promovem a educação por meio de conteúdos diversos para jovens habitantes de periferias. Entre os exemplos norte americanos está a Universal Zulu Nation, enquanto que em território brasileiro se destacam instituições como a Zulu Nation Brasil, a CUFA (Central Única das Favelas), Picasso não Pixava e especificamente no Distrito Federal, em Ceilândia e Sobradinho 2, o Grupo Cultural Azulim.

Essas organizações são responsáveis por propagar a cultura Hip-Hop e promover através dela uma educação para além dos limites da escola, visando à emancipação de crianças, jovens e adultos da periferia por meio do conhecimento e proporcionando aos mesmos novas oportunidades e perspectivas de vida. A Universal Zulu Nation, fundada pelo DJ Afrika Bambaataa, por exemplo, organizava uma série de aulas e palestras, cujo objetivo era educar e assim modificar o pensamento das gangues e contava com conteúdos que iam de conhecimentos gerais a prevenção de doenças, matemática, ciências e até economia (site da Zulu Nation).

No Brasil, especificamente em Sobradinho 2, Distrito Federal, surgiu em 1993 o Grupo Cultural Azulim, cuja história e luta, por vezes, se confunde com a própria história do Hip-Hop no DF. Em Brasília, o movimento surgiu concomitantemente às outras capitais, trazido por jovens da classe média alta, com acesso a viagens internacionais e ao consumo de tecnologias e bens culturais não existentes no país até o momento. Contudo, tanto essa

produção cultural quanto as atividades de lazer restringiam-se ao Plano Piloto. Como afirma Tavares (2010, p. 315), “As cidades do Distrito Federal tornavam-se invisíveis no que se refere à sua produção local de cultura e outros bens simbólicos”. Os jornais de circulação local da época centralizavam as atividades culturais e de lazer ao Plano Piloto, enquanto restringia os acontecimentos das cidades-satélite aos cadernos esportivos e, em especial, policiais, que retratavam em suma fatos relacionados ao tráfico de drogas, violência e homicídios, cometidos em sua maioria por jovens. Os grupos de Break, especialmente, bem como os jovens envolvidos com o Hip-Hop, eram criminalizados e foram cadastrados pelo governo como gangues. Ainda de acordo com Tavares (2010), a mídia jornalística suprimia as trajetórias sociais e orientações coletivas desses grupos, ao mesmo tempo em que utilizava jargões técnicos para descrever, dentre outras coisas, aspectos estereotipados, como cabelos e roupas e associá-los à delinquência.

Assim, um grupo de cerca de sete amigos com idades entre 16 e 17 anos, negros, da periferia de Sobradinho 2 que se reuniam para, dentre outras atividades de lazer, dançar break nas ruas da cidade também foram inseridos nesse cadastro. Eles eram denominados pela comunidade local como Azulins. A partir de então, esses jovens foram chamados para desenvolver atividades voltadas à comunidade pelo comandante do 13 Batalhão da Polícia Militar de Sobradinho, com o intuito de retirar o rótulo de gangue e reverter essa imagem equivocada. A partir daí foram desenvolvendo uma série de ações em parceria com a comunidade, associações locais e escolas, utilizando o Hip-Hop como ferramenta de aproximação com a juventude, promovendo o combate à violência, ao racismo, discriminação, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, dentre outros (GRUPO CULTURAL AZULIM).

Em 2000, o grupo tornou-se uma Organização Não Governamental (ONG) e a partir daí firmou parcerias e convênios com a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, a Administração Regional de Sobradinho 2 e Ceilândia, o Movimento Integrado de Saúde Comunitária do DF, a Regional de Ensino de Sobradinho 2, o Picasso Não Pixava, a CUFA DF, dentre outros, além do Grupo Caixa Seguros, com quem desenvolve o Projeto Jovem de Expressão, surgido em 2007. Em 2008 recebeu a certificação de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) e desenvolve até hoje oficinas nos núcleos de Ceilândia e Sobradinho 2, bem como nessas comunidades, participando e promovendo eventos culturais, palestras e visitas, tendo sempre por base e meio de trabalho o Hip-Hop.

Desse modo, e através de instituições como essa, o denominado quinto elemento da cultura Hip-Hop, o Conhecimento, vem sendo difundido e trabalhado em diversas regiões do

Brasil e do mundo. É interessante notar a relação íntima que tem se formado entre a cultura Hip-Hop, o conhecimento e, por consequência, a educação. Isso ocorre, segundo Barbosa (2005) dentre outros motivos, pela crença por parte de seus integrantes no estudo como elemento de superação dos problemas da periferia, inclusão e transformação social, bem como forma de acesso aos bens culturais e propagação de “boas idéias”.

Nesse sentido, o elemento que tem sido utilizado com maior frequência e efetividade na propagação dessas “boas idéias” e na formação dessa visão diferenciada de mundo é o Rap. É através dele que o movimento fala e é escutado, é por meio dele que a visão da periferia é compartilhada e é por meio dele também que ocorre essa educação para além dos limites da escola, a propagação do Conhecimento. Como afirma Isidoro Filho (2011), o Rap exerce uma influência não apenas estética, mas comportamental, discursiva, ideológica e política, que tem por objetivo convencer o ouvinte a buscar os conhecimentos necessários para entender a realidade e lutar por melhores condições de vida.

No Distrito Federal, entretanto, o Rap não se limita apenas a instrumento de denúncia e expressão da realidade da periferia, de acordo com Barbosa (2005), ele acompanha todos os momentos de lazer juvenis, sendo ouvido em casa, festas, ruas, escola, etc. e assumindo o papel de divertir e entreter. É um instrumento aglutinador e, junto a outros elementos, configura o estilo de vida de muitos, interferindo em suas práticas cotidianas, bem como em suas relações sociais e representações sociais. Assim, “o estilo de vida guarda relação com práticas cotidianas e rotineiras, como a vestimenta, a forma de falar, tem influência no discurso e na relação com o espaço urbano”, servindo também de orientação nas relações sociais nos diversos espaços (ISIDORO FILHO, 2011, p. 78).

O mesmo autor afirma que aqueles, porém, que adotam o Hip-Hop como referencial, não poucas vezes, são alvo de discriminação, sendo representados de forma negativa, em especial pela mídia. Essa representação social que é feita estigmatizando esses jovens, em sua maioria, com pouca escolaridade formal e poder aquisitivo, moradores de periferia e afrodescendentes, acabam por fazer parte do discurso que eles mesmos elaboram contra a naturalização da criminalidade nas comunidades carentes, o racismo e para, dentre outras coisas, denunciar a precariedade do sistema educacional e das escolas. Nesse contexto discriminatório, o Estado acaba atuando de modo repressor, através da atuação confusa e violenta da polícia, fato este que é denunciado através do Rap. Assim como os Rappers, Barbosa (2005, p. 102) entende que

... a presença do Estado que se dá através da política de educação, de um projeto político pedagógico que valorize o diálogo, os meios verbais de

negociação do conflito, em detrimento da força bruta, caracteriza-se em importantes atributos para a melhoria da criminalidade e das condições de vida na periferia.

É nesse discurso que a denúncia quanto ao não acesso à educação se faz bastante evidente e fundamental, pois a negação do acesso aos bens culturais, bem como à informação e ao conhecimento, são barreiras que dificultam ou até impossibilitam a mobilização para que uma mudança social ocorra. Há uma enorme gama de excluídos, dentre os quais são destacados os “excluídos do universo sócio-cultural: pessoas pobres em geral, habitantes de periferia dos grandes centros urbanos” e, mais especificamente, “os excluídos do universo da educação: os sem escola, as vítimas da repetência, da desistência escolar, da falta de escola junto a seus lares;” (Martins, 1997 apud BARBOSA, 2005, p. 52-53).

Desse modo, ao mesmo tempo em que o Hip-Hop e, em especial, o Rap valoriza e reconhece a importância da educação, a negação ao acesso e as condições precárias em que o sistema de ensino se encontra, acabam por impossibilitar a emancipação da periferia, impedindo o acesso a esses bens culturais, gerando a denúncia a esse sistema de exclusão por meio do Rap ressaltando a dicotomia entre o discurso valorizador do conhecimento e educação e a realidade, onde não se percebe uma significativa progressão nos estudos, por parte de muitos integrantes do movimento Hip-Hop.

Segundo Barbosa (2005), isso ocorre por que, em tese, as condições econômicas acabam por interromper a progressão nos estudos dos jovens e crianças habitantes das periferias, já que estes se evadem da escola para trabalhar e assim contribuir ou prover a renda de suas famílias. Apesar disso, “O estudo é considerado um elemento que promove a superação dos problemas da periferia. Há um culto ao ensino escolar como um importante valor e uma alternativa de transformação social.” (BARBOSA, 2005, p. 97). Ao mesmo tempo em que se revela a importância do acesso escolar e à educação formal, é destacada também a relevância de se ter uma educação para além da escola, através da qual há uma releitura do mundo. Weller (2004, p. 110) afirma que “A importância da educação ou da autoformação consiste, portanto, na possibilidade de acesso ao conhecimento que não foi transmitido no processo de educação formal (“coisa que não aprendi na escola”).”

Destarte, no universo dos discursos e das representações sociais acerca da educação e da escola, se apresentam dicotomias entre o estudo e a instituição escolar, entre a importância de uma educação formal e de uma educação para a vida, que vai além do que é ‘transmitido’ nas instituições de ensino, entre a propagação ideológica acerca da necessidade da educação

para a transformação e emancipação e a realidade de exclusão e não acesso, vivida pela população da periferia e pelos membros da cultura Hip-Hop.

CAPÍTULO II

Representações Sociais, Experiência e Educação

O estudo das Representações Sociais (RS), e assim, o crescente interesse pela orientação dada pelo simbólico às condutas humanas, tem se caracterizado como um novo paradigma na Psicologia Social e se constituído em importante fonte de discussões e aprofundamentos teóricos e práticos. Foi Moscovici quem lançou as bases conceituais e metodológicas dessa teoria que, devido a sua importância e relevância não apenas no campo psicológico, mas sociológico e educacional, é alicerce para uma multiplicidade de novas perspectivas, formando sistemas teóricos e de metodologia próprios, mas mantendo sempre um vínculo com a teoria inicial e suas concepções (ALVES-MAZZOTTI 1994; WACHELKE e CAMARGO, 2007).

Em 1961, Moscovici introduz a noção de Representação Social, gerada a partir da retomada do conceito de representação coletiva proposto por Durkheim, redefinindo o campo da Psicologia Social através desse novo conceito, enfatizando seu poder de construção do real e sua função simbólica. Desse modo, Moscovici busca enfatizar que as Representações Sociais são teorias coletivas sobre o real, com uma linguagem e lógica próprias, baseada em valores e conceitos e não meras opiniões ou imagens de algo ou de algum fato (ALVES-MAZZOTTI, 1994). Wachelke e Camargo (2007) afirmam, nesse sentido, que as representações não são uma cópia fidedigna de algum objeto, mas se configuram em uma rede de conceitos e imagens, cujos conteúdos evoluem continuamente e interagem entre si, com vistas a recriar este objeto e substituí-lo, com base nas estruturas de conhecimento do grupo e em suas representações já existentes. Jodelet, outra teórica importante dedicada ao estudo das Representações Sociais, as define como

uma forma de conhecimento ordinário, que pode ser considerada na categoria de senso comum e que tem como particularidade a de ser socialmente construída e partilhada. Tem um objetivo prático, ou seja, se apóia na experiência das pessoas e tem um papel de orientar e guiar a conduta das pessoas dentro de sua vida prática e cotidiana. Produz uma visão comum a um grupo social emergente, seja uma classe social, seja um grupo cultural, e ajuda a manter uma visão comum que é considerada como uma evidência e certeza sobre o mundo cotidiano. (Informação verbal pronunciada em Conferência no I Seminário de Representações Sociais: Teoria e Pesquisa, promovido pela Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente, em 31 de outubro de 2001. (JODELET Apud MENIN e SHIMIZ, p. 95)

Doise (1985 apud WACHELKE e CAMARGO, 2007, p. 380), afirma que a proposta da Teoria das Representações Sociais (TRS) é “um estudo científico do senso comum.” Sendo assim, o mesmo é alvo de análise por parte da psicologia social, variando de acordo com as “inserções específicas num contexto de relações sociais” (p.380). Sobre o processo de representação social:

Pode-se dizer que o processo de representar resulta em teorias do senso comum, elaboradas e partilhadas socialmente (Wagner, 1998), ligadas a inserções específicas dentro de um conjunto de relações sociais, isto é, a grupos sociais (Doise, 1985), que tem por funções explicar aspectos relevantes da realidade, definir a identidade grupal, orientar práticas sociais e justificar ações e tomadas de posição depois que elas são realizadas (Abric, 1998). (WACHELKE E CAMARGO, 2007, p. 380)

Desse modo, para Wachelke e Camargo (2007), o processo de representação permite a ação e a tomada de decisões embasadas na interpretação e concepção surgidas a partir dos aspectos da realidade. Assim, as representações sociais classificam os eventos da vida social interpretados coletivamente, permitindo o surgimento de ações relativas a esses acontecimentos.

Há dois conceitos fundantes da TRS introduzidos por Moscovici, fundamentais para as representações, quais sejam a objetivação e a ancoragem. Oliveira (vol. 19, p. 181) afirma que

o processo de representar apresenta uma sequência lógica: tornar familiares objetos desconhecidos (novos) por meio de um duplo mecanismo então denominado *amarração* – “amarrar um barco a um porto seguro”, conceito que logo evoluiu para “ancoragem” -, e *objetivação*, processo pelo qual indivíduos ou grupos acoplam imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de seu cotidiano, aos novos esquemas conceituais que se apresentam e com os quais têm de lidar.

Para Alves-Mazzoti (1994) e Wachelke e Camargo (2007), a objetivação é apresentada como o processo por meio do qual os conceitos ou idéias abstratas são esquematizados, transformando-se em idéias ou imagens concretas. Devido à generalidade do emprego dessas imagens, estas se transformam em “reflexos do real” ou em “mapas conceituais”. Já a ancoragem constitui uma rede de significações em torno desse objeto social novo, classificando informações sobre o mesmo com base em conhecimentos coletivos já existentes e relacionando-o a valores e práticas sociais. Na perspectiva de Jodelet (1993), apud Menin e Shimizu (2005), a objetivação é estruturante das representações, materializando o que é abstrato e corporificando esquemas conceituais. A ancoragem, por sua vez, confere significado e utilidade ao objeto representado, promovendo seu enraizamento e inserção social. Assim, como afirma Alves-Mazzotti (1994, p. 3): “A atividade representativa

constitui, portanto, um processo psíquico que nos permite tornar familiar e presente em nosso universo interior um objeto que está distante e, de certo modo, ausente.”.

Destarte, Wachelke e Camargo (2007) afirmam que as representações sociais não se limitam a apenas redefinir objetos e fatos, mas, como foi visto, tem o papel de compor uma visão comum de grupo e assim, orientar suas práticas. Essa teoria se configura como o estudo do senso comum, que varia conforme seu contexto de relações sociais e está ligada à realidade dos grupos e categorias, possuindo lógicas e regras próprias e distintas e contribuindo para uma identidade social, dotando seus membros de uma visão de mundo em comum.

Wagner (2008) apud Wachelke e Camargo (2007), apresenta cinco critérios, referentes às características das representações, que derivam do fato de as mesmas serem produzidas e compartilhadas por integrantes de grupos sociais. A necessidade de definição desses critérios se dá devido à amplitude da noção de (RS), o que, na visão dos autores, dificultaria a realização de estudos científicos. São eles:

- Consenso Funcional: “Papel desenvolvido pela representação para manter a unidade do grupo, orientar as autocategorizações e interações de seus membros”;
- Relevância: Diz respeito ao destaque que determinados objetos sociais assumem para os autores sociais, aos quais as representações se referem.
- Prática: Uma representação implica na geração de práticas realizadas por “uma quantidade razoável de pessoas de um grupo reflexivo”, de modo que a representação constitua parte da rotina grupal;

- Holomorfose:

Princípio segundo o qual as representações sociais sempre mantém referências à pertença grupal, por serem parte da identidade social. Delineia limites entre processos de pensamento localizados em pontos distintos do *continuum* individual-social. Enquanto o conhecimento mais individualizado baseia-se em experiências sociais que não dizem respeito ao grupo, as representações sociais trazem meta-informações sobre ele. Cada indivíduo vinculado a um grupo possui, potencialmente, conhecimento sobre como outros membros se comportariam numa dada situação ou pensariam sobre ela (Wagner, 1998). As pessoas geralmente tendem a projetar suas crenças em outras pessoas que partilhem sua pertença grupal, quando se trata de crenças fundadas em representações sociais; o mesmo não acontece com crenças ligadas a representações individuais. O critério de holomorfose é útil para distinguir entre representações sociais e individuais. (WACHELKE & CAMARGO, 2007, p. 381-382)

- Afiliação: Atua como validador do critério de holomorfose, sendo o lado objetivo deste. Segundo este princípio, é possível delimitar “uma realidade sócio-grupal dentro da qual certa representação existe”.

Esses critérios, contudo, podem não estar presentes, necessariamente, em conjunto em todas as (RS), devido às diferenças estruturais e funcionais que as representações de diferentes tipos possuem.

Alves-Mazzotti (1994) e Wachelke e Camargo (2007) asseveram que, observando sua natureza social, os elementos componentes das (RS) se organizam de modo diferente de acordo com os grupos, classes sociais e culturas das quais fazem parte, tanto sendo influenciado por elas em sua interpretação e aceitação, quando influenciando esses coletivos, servindo-lhes de guia para as ações e relações sociais. Por sua vez, Wachelke e Camargo (2007) alertam para o fato de que, apesar das representações sociais orientarem a ação de grupos e sua visão de mundo, para que isso de fato ocorra, se faz necessário que as mesmas se transformem em “representações intra-individuais”, ou seja, embora indivíduos pertençam a um mesmo grupo social, as representações desse não provoca os mesmos efeitos “em suas representações cognitivas particulares” (2007, p.385). O critério de holomorfose acima definido, adquire importância molar no delineamento de um limite entre pensamento individual e social. Ele abre a possibilidade da concepção do desenvolvimento de representações individuais baseadas na experiência pessoal. O nível individual é a análise dos trabalhos dos psicólogos sociais. Entretanto, são as representações sociais que balizam as representações pessoais, não as determinando, mas servindo como referência para que sejam construídas.

Essa relação entre representação e experiência é trazida por Jodelet (2005), posto que, em sua concepção, as diferentes noções de experiência conduzem a relações diversas com o senso comum, foco de estudo das representações sociais. Do mesmo modo, ela favorece uma “experimentação” sobre e do mundo, contribuindo para, segundo categorias e formas socialmente dadas, a construção da realidade. Nesse contexto, são perceptíveis duas dimensões principais acerca da experiência, quais sejam: a dimensão do conhecimento e a dimensão do vivido, do experimentado.

Jodelet (2005) traz que a noção de experiência na dimensão do vivido, refere-se à consciência do sujeito sobre o mundo em que vive. A autora atesta que em Vygotsky (1994), essa consciência é equivalente a um “contato social consigo mesmo”. Desse modo, a experiência vivida diz respeito ao foro íntimo do sujeito, ao modo como ele se sente frente a determinada situação e como, a partir daí, elabora as repercussões positivas e negativas do fato, psíquica e cognitivamente, e determina suas ações e relações frente ao ocorrido. Essa dimensão pode ser ao mesmo tempo sentida e compartilhada com os outros. Diz respeito a “um estado que o sujeito experimenta e sente de maneira emocional (p. 31), o que

corresponde a uma invasão de emoções e, ao mesmo tempo, a uma tomada de consciência de sua própria identidade e subjetividade.

Entretanto, essa vivência individual pode fundir-se na coletividade, sendo compartilhado por um grupo, podendo ser encontrada, por exemplo, nos movimentos sociais. Como traz Jodelet (2005, p. 32), isso ocorre

quando um conjunto de situações afeta, igualmente, sobre um plano emocional e identitário, os membros de um grupo, de uma classe ou formação social como um destino comum imposto pelas condições de vida, relações sociais ou por pressões materiais e contra as quais as pessoas se opõem.

Assim, nesse contexto do vivido, pode ser feita uma reflexão possível entre experiência e representações sociais.

Embora submetidos a pressão social, os sujeitos sociais não são mais considerados como “idiotas culturais” - termo trazido por Jodelet ao citar Garfinkel (1967) -, completamente submissos à determinação social. Antes, em sua experiência particular, elaboram sua consciência de si e do mundo, não possuindo mais, desse modo, sua definição reduzida a interiorização de normas e valores, nem tampouco a articulação de papéis sociais e status.

De acordo com Jodelet (2005), pode-se pensar, igualmente, na ligação entre (RS) e experiência na medida em que esta comporta uma “dimensão cognitiva”, ou seja, quando sua noção diz respeito a uma experimentação “do mundo e sobre o mundo”, contribuindo para, segundo formas e categorias socialmente constituídas, a construção da realidade. Essa experiência tomará forma e conteúdo a partir de um “estoque” comum de conhecimentos e “pré-construções culturais”, sendo formulada e se correspondendo com a situação em que surge com base nesses pressupostos.

Ainda de acordo com Jodelet (2005, p. 32), essa experiência é “ela mesma constitutiva de sentidos que o sujeito dá aos acontecimentos, situações objetos e pessoas ocupantes de seu meio mais próximo e de seu mundo de vida”. A experiência subjetiva é conhecida a partir do que é testemunhado pelos sujeitos em seus discursos. Por sua vez, esses discursos, mesmo os interiores, são estruturados de acordo com saberes, códigos e designações estruturados socialmente, ou seja, “disponíveis no campo social”. Nesse sentido, os aspectos sociais de comunicação e enunciação, marcam a experiência social, que é, desse modo, socialmente construída.

Jodelet (2005) traz a visão de Schultz ao aproximá-la da perspectiva das RS, afirmando que a construção das realidades da vida bem como a transformação dos estados do

mundo são edificados a partir do conhecimento socializado e “intersubjetivo”. Esses conhecimentos intersubjetivos construídos e partilhados são derivados socialmente do grupo de pertença e só são possíveis devido à troca recíproca entre os atores sociais. Há uma integração e adequação entre a interpretação de novas situações e um contexto de sentidos pré-dados, os quais estão intimamente ligados à formação do conceito de mundo empregado no cotidiano.

Os conhecimentos partilhados na sociedade juntamente com a ratificação de um discurso comum, na visão de Garfinkel e Schultz apud Jodelet (2005), formam um “plano anterior”, possuidor de propriedades das quais dependem a compreensão e os sentidos. Essa possibilidade de compreensão comum, por sua vez, aloca-se “na necessidade de agir de acordo com as expectativas da vida cotidiana que são utilizadas como esquemas de interpretação e são completadas por acordos já compartilhados entre os parceiros de interação” (pp.39-40).

Jodelet (2005), ao citar Schultz, reforça a idéia de que as significações são pré-dadas e pré-construídas socialmente, inseridas no mundo do vivido, ou seja, na experiência vivida. Assim, traz que

o mundo da vida não é somente composto por objetos materiais e os acontecimentos que constituem o meio: “O mundo que me rodeia compreende, também, os estratos de significação que transformam as coisas naturais em objetos culturais, os corpos humanos em parceiros e os movimentos dos parceiros em atos, gestos e comunicações... o mundo social e cultural estratificado é pré-dado historicamente como ponto de referência de um modo tão evidente quanto o mundo natural.(JODELET, 2005, p. 37 apud SCHUTZ; LUCKMANN, 1974, p.5)”

A experiência vivida, desse modo, comporta, ainda conforme Jodelet (2005), “elementos emocionais que remetem às subjetividades particulares” e a uma situação concreta, sendo um modo de apreensão do mundo e tendo, por sua vez, funções práticas no cotidiano, “remetendo ao mundo de existência dos sujeitos em sua realidade concreta e viva” (pp.44-45). É elaborada por meio de códigos e categorias de natureza social e necessita de autenticação pelos outros. Por incluir valores de seus membros, só pode ser analisada a partir desses códigos e referências, “fornecidos por sistemas de representação em vigor na esfera social e cultural”. Diz respeito também à elaboração de representações que podem favorecer ou impossibilitar a mudança social.

Um exemplo trazido por Jodelet (2005), acerca da mudança social permitida pela elaboração de representações, é a do campo da educação e das relações dialéticas que ali ocorrem. Nesse contexto, o “jogo das representações” se dá nos diferentes níveis do sistema

educacional e pelos diferentes agentes que deles participam, sejam eles os responsáveis pelas definições, no nível político, das modalidades e finalidades de organização da formação, sejam os professores, diretores e demais agentes responsáveis por pôr em funcionamento as políticas educacionais, sejam, por fim, os usuários do sistema: alunos e pais.

Essas representações identificáveis nos contextos institucionais e as mudanças por elas geradas, podem ser percebidas ao longo da história, sendo evidenciadas ao se considerar a evolução das políticas educacionais, a mudança no alvo da democratização e massificação da escola e à nova identidade assumida pelos “parceiros da relação pedagógica”. Uma evidência dessa mudança é narrada por Jodelet (2005) da seguinte forma:

Com a mudança da política escolar, a partir da década de 1980, as regras de seleção se modificaram em função do novo objetivo dado ao sistema escolar: garantir a igualdade de oportunidade para todos. A massificação fez aparecer novos tipos de alunos que escapam do sistema, que questionam a legitimidade dos conhecimentos transmitidos e que definem uma nova função para a escola: promover a coesão social. Para poder compreender a estratégia de ação desses novos alunos, foi preciso tentar entender o sentido que eles dão à escolaridade e ao fato de possuir um conhecimento e, também, observar esta outra escola que eles são capazes de construir, dentro e fora de classe, enquanto agentes sociais. (p. 43)

A mudança nas políticas educacionais gerou uma transformação na própria concepção de educação e, conseqüentemente, nas representações sociais tanto acerca da escola e seu papel, quanto ao papel e visão dos alunos sobre a instituição escolar e sobre si mesmos. Apesar disso, há muitos resquícios da instituição escolar burocrática, subserviente, de certo modo, ao sistema capitalista. Motta (2000) afirma, ao analisar o papel da escola, que a mesma

Está voltada nesse sistema (capitalista) para a reprodução de uma determinada cultura e para a reprodução da estrutura de classes, reproduzindo um determinado tipo de relação entre os meios de produção e os trabalhadores, dando uma formação diversa para os que serão dominantes e os que serão dominados e inculcando nos dominados modos de pensar que estão de acordo com os interesses dos dominantes. [...] No processo de “moralização elementar” – internalização de regras de submissão à ordem estabelecida – as provas e exames desempenham um papel fundamental. Para passar nos exames é preciso conformar-se, submeter-se às exigências do examinador. As provas e exames são a expressão mais clara dos valores escolares. Definem o que é o saber aceito e como ele deve se manifestar. É um instrumento eficaz de inculcação da cultura dominante em uma determinada sociedade. (p.52-53)

Segundo este mesmo autor, a seleção feita em provas e exames acaba por mascarar uma seleção social, manifesta, por exemplo, através da evasão escolar, defasagem idade-série e a opção por escolas “de importância e qualidade mais baixas”.

Assim, apesar das transformações ocorridas na estrutura do sistema de ensino brasileiro no geral, há muito o que ser mudado. A separação dicotômica entre saber “popular” e saber acadêmico, entre a escola institucionalizada e a escola “da vida” tem aos poucos se pormenorizado, contudo, ainda não deixou de existir. Isso se reflete, sobretudo, nas representações sociais, em especial das populações de baixa renda, sobre a escola e os estudos bem como sobre a prática vivida por essas populações, no que concerne à relação com o conhecimento e a progressão da escolaridade.

Por fim, as Representações sociais, a experiência e o vivido são fundamentais para uma melhor compreensão de como esse novo papel da educação, perpassado pelos novos paradigmas de cultura, tem se construído na vida dos estudantes e do sistema de ensino como um todo, sendo imprescindíveis para uma efetiva mudança não apenas educacional, mas cultural e social.

CAPÍTULO III

Metodologia

Com vistas a avaliar quais seriam as representações sociais sobre a escola na perspectiva dos integrantes do movimento Hip-Hop, foi realizada uma pesquisa exploratória, a qual contou inicialmente com um levantamento bibliográfico, abrangida pelos capítulos 1 e 2 deste trabalho e com questionários e análise de letras de músicas.

Segundo Gil (2008), as pesquisas exploratórias possuem planejamento bastante flexível, objetivando a descoberta de intuições ou o aprimoramento de idéias, possibilitando ao pesquisador considerar os mais variados aspectos relativos ao problema. Assim, “Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão.”” (SELLTIZ et al., 1967, p. 63, apud GIL, 2007, p. 41).

O questionário foi aplicado durante uma “Batalha de Bboys”, que reuniu bboys e bgirls das cidades de Sobradinho, Sobradinho 2 e Planaltina no espaço de dança do Centro Cultural Azulim, em Sobradinho 2, no dia 27 de setembro de 2011, às 20h. Esta pesquisadora chegou ao espaço com duas horas de antecedência, no intuito de aplicar os questionários não apenas aos bboys, mas aos grafiteiros que se encontravam em aula na oficina de Graffiti. Após receber a devida autorização do instrutor de Graffiti, os questionários foram distribuídos e as devidas informações sobre o mesmo foram dadas. Alguns dos presentes não demonstraram vontade em responder à pesquisa, devido ao seu envolvimento com a Batalha de Bboys, por isso, alguns pirulitos foram comprados no intuito de incentivá-los a responder. A medida em que os bboys chegavam para a Batalha, iam sendo chamados para responder ao questionário. Apesar dos incentivos, da relevância da pesquisa e da importância da participação do maior número de pessoas possível, apenas os integrantes do movimento que residiam em Sobradinho, Sobradinho 2 e conheciam a pesquisadora colaboraram efetivamente. Foram preparados 20 questionários, dos quais apenas 13 foram respondidos e 1 não foi devolvido.

Os participantes da pesquisa possuem entre 14 e 28 anos de idade e ainda estudam, em sua maioria. Dez são do sexo masculino e três do sexo feminino. Três deles possuem o grau de instrução até o ensino fundamental, nove até o ensino médio e um está cursando o ensino

superior. Seis estudam em escolas de Sobradinho 2, um estuda em Sobradinho e um em faculdade no Plano Piloto. Onze afirmam morar em Sobradinho 2, um em Sobradinho e um em Uberaba. Todos moram com familiares, dentre os quais são listados em sua maioria somente a mãe e os irmãos, sendo listados em menor número também o pai e a mãe, tios, esposa, noiva e filhos. A imensa declara-se evangélica ou cristã protestante e há um ateu. Há 12 solteiros e um casado. Do total de participantes, apenas dois possuem filhos. Três participantes não declararam suas ocupações ou se declararam desocupados, dois afirmaram que são estudantes, um se declarou graffiteiro, um arte-educador (instrutor de Graffiti), três são instrutores de dança (Break), um é frentista e outro operador de caixa. As rendas familiares declaradas variam de 350 a 1400 reais.

Os questionários aplicados, cujo exemplar encontra-se no Apêndice III, inicialmente fazem um levantamento de dados dos participantes, solicitando informações como a idade, o sexo, a instrução escolar, série, escola e localização, local de nascimento, moradia, religião, estado civil, renda familiar e ocupação atual. Questiona também se o entrevistado ainda estuda, com quem mora e se possui filhos. O questionário conta com oito questões no total.

No intuito de verificar a relevância do Hip-Hop na vida dos participantes, a primeira questão inquirir os sobre o que essa cultura representa para eles. A segunda pede que os mesmos enumerem, em uma escala de 0 a 10 (sendo 0 o mínimo ou nada e 10 o máximo ou tudo) o quanto o Hip-Hop influencia suas vidas e escolhas pessoais e solicita que justifiquem suas respostas. A terceira questão diz respeito aos estudos e questiona se os participantes acham que aqueles são importantes e o porquê. A quarta e a quinta questão buscam verificar o sentimento de aceitação ou discriminação do aluno com relação ao tratamento recebido na escola. Desse modo, na questão quatro, é perguntado se o entrevistado se sente acolhido e aceito pela escola e o que o leva a pensar/sentir assim. Já a questão cinco pergunta ao participante se ele sente algum tipo de discriminação por parte dos professores ou demais profissionais da escola devido ao seu envolvimento com o Hip-Hop e solicita que o mesmo justifique sua resposta. A sexta questão inquirir ao participante se o mesmo acha que o Hip-Hop pode contribuir de alguma forma para sua formação na escola e como isso poderia ocorrer. A sétima questão pergunta o que o entrevistado acha da escola em que estuda e a oitava questão solicita que o mesmo liste três palavras que vêm à sua mente quando pensa sobre escola. Através dessas perguntas, buscou-se o alcance do quesito “(b)” listado por Gil (2007), qual seja a “entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado;” (p. 41), anteriormente citado.

Outro instrumento utilizado foi a análise de duas letras de músicas, no caso, letras de Rap, o que configuraria na perspectiva de Gil (2007), a “análise de exemplos que “estimulem a compreensão”(p.41). As letras foram selecionadas tendo por critério apenas o fato de fazerem alguma referência à escola, educação ou estudos em geral. As músicas são de grupos ou rappers brasileiros, que vivenciaram o cotidiano das escolas brasileiras e que através das rimas exprimem livremente suas opiniões acerca das mesmas.

Por ser o Rap considerado a voz do movimento Hip-Hop e o formador de opiniões e representações sociais, faz-se imprescindível a análise de suas músicas para a verificação dessas representações do movimento sobre a escola, ampliando o universo pesquisado e permitindo, através das letras, melhor compreensão das opiniões e da visão dessa cultura sobre o assunto.

CAPÍTULO IV

Análise de Resultados

- **Análise dos questionários**

Com a finalidade de investigar quais as Representações Sociais dos integrantes do Movimento Hip-Hop sobre a escola/estudos, foi aplicado um questionário com oito questões, nas quais os entrevistados forneceram dados, palavras-chave e opiniões acerca de seu envolvimento com o movimento e sua relação com a escola.

Inicialmente, os entrevistados foram questionados acerca da representação do Hip-Hop para vida de cada um deles. Foram fornecidas diversas respostas, das quais foram extraídas palavras-chave que pudessem abarcar de modo eficaz a idéia central de cada uma. A maior parte das palavras apresentadas pelos entrevistados demonstra que, de modo geral, o Hip-Hop representa seu estilo de vida, seu modo de viver, bem como uma cultura, modo de vestir e expressar-se. As demais respostas dividiram-se entre os aspectos ligados à geração de oportunidades e questões mais individuais no sentido de expressão de sentimentos, sonhos e modo de encarar os problemas.

Nas palavras de um dos entrevistados, “O Hip-Hop representa um estilo de vida, uma forma de expressar o que gosto, ou seja, meu modo de vestir, de viver, de andar, de conviver com as pessoas.” Para outro entrevistado, o Hip-Hop é “Uma forma de me expressar, é o que gosto de fazer, essa é minha cultura, a minha forma de viver. É onde eu busco me tranquilizar. Esse foi o dom que Deus me deu”.

As respostas apresentam uma representação social geral do Movimento pelo próprio Movimento. Normalmente, pessoas envolvidas de modo mais profundo com o Hip-Hop tendem a fazer do mesmo o norteador de seus pensamentos, atitudes, modo de vestir e interpretar os acontecimentos que ocorrem ao seu redor. Por ser uma cultura, o Hip-Hop acaba por assumir o papel de “lente” através da qual seus integrantes enxergam o mundo e o interpretam (LARAIA, 2005). Os envolvidos com quaisquer dos elementos do Hip-Hop, por vezes, assumem-no como sua forma de vida, o que determina em alguns casos até mesmo com quem eles se relacionarão, o modo como falarão, seus artistas preferidos e de que forma

se vestirão. Tanto é que os integrantes do movimento tendem a se reconhecer de forma mais fácil por seus trejeitos, sendo também discriminados pelos mesmos aspectos.

A representação do Hip-Hop para seus integrantes vai além da esfera coletiva, permeando o âmbito das representações individuais, dizendo respeito aos sentimentos, sonhos e perspectiva de futuro. Ademais, para muitos, o Movimento apresenta-se não apenas como uma cultura, mas como oportunidade de profissão e fonte de renda. Além das possibilidades apresentadas pela indústria fonográfica, com a possibilidade de trabalhos musicais no estilo Rapper por MCs e DJs, diversas academias tem aberto suas portas aos dançarinos e professores de Break Dance e graffiteiros tem encontrado espaço na personalização de ambientes através da pintura, bem como na venda de produtos customizados. Além disso, com o crescimento e a propagação cada vez maior do Hip-Hop e das ONGs e OSCIPs a ele relacionadas, abre-se uma demanda por profissionais nessas áreas para atuarem como arte-educadores ou educadores sociais.

A segunda questão diz respeito à influência que o Hip-hop exerce sobre a vida dos entrevistados, bem como sobre suas escolhas pessoais. Se fazia necessário, nessa questão, quantificar, em uma escala de 0 a 10, a dimensão dessa influência, onde o 0 representava nenhuma influência e o 10 representava influência máxima ou total.

Do total de entrevistados (n=13), sete responderam que o Hip-Hop exercia influência 10, ou seja, influência total em suas vidas e escolhas pessoais. Quatro deles afirmaram que o movimento possuía influência muito forte, porém não total em suas vidas, quantificando a escala em oito. Apenas um dos entrevistados afirmou que o Hip-Hop não influenciava sua vida ou suas escolhas e um não respondeu à questão.

Sendo assim, as respostas fornecidas na segunda questão corroboram com o as respostas da questão anterior, no sentido em que demonstra que o Hip-Hop como movimento e, sobretudo, cultura, acaba por ter fortes influências sobre as escolhas pessoais dos seus integrantes e sobre seus estilos de vida. Um dos entrevistados afirma que o Hip-Hop tem influência máxima sobre sua vida e justifica dizendo que o mesmo “Mudou a minha vida. Tenho pensamentos, opiniões e visões diferentes.”

Como movimento social e cultura, o Hip-Hop possui a capacidade de prover seus integrantes com uma visão de mundo diferenciada. Essa visão, originada de um coletivo, gera em seus membros não apenas representações sociais semelhantes, mas práticas compartilhadas a partir dessas representações. Assim, como afirmam Alves-Mazzoti (1994) e Wachelke e Camargo (2007), os componentes das RS, organizadas de acordo com os grupos,

classes sociais e culturas das quais fazem parte influenciam esses coletivos, de modo que lhes servem de guia para as ações e relações sociais.

A terceira questão busca verificar a importância dos estudos para os entrevistados. Ao serem inquiridos acerca desse tema, todos os participantes responderam considerar os estudos importantes e justificaram sua resposta de diversas maneiras. A maior parte das justificativas, entretanto, girou em torno de duas representações principais, quais sejam os estudos como chave para o futuro, modo de se preparar para um futuro melhor e como forma de aquisição de conhecimentos, atualização.

Diretamente relacionados à questão da obtenção de um “futuro melhor” estão outras questões levantadas, como a preparação para atender às demandas do mercado de trabalho e, ligado a isso, o alcance de sonhos e realizações. Essas análises podem ser ilustradas através de duas respostas: segundo elas, os estudos são importantes, pois com eles “temos um futuro melhor, temos mais facilidade de ingressar no mercado de trabalho, entre outros fatores”; eles também “valorizam o ser humano, capacitam para o trabalho e motivam transformações e realizações”.

Desse modo, podemos verificar que as RS dos integrantes do movimento Hip-Hop, apesar de fazerem parte de uma cultura de minoria inserida em uma outra maior, a cultura brasileira de modo geral, compartilham com ela essas mesmas visões acerca da importância dos estudos. Partimos então de uma representação social acerca de um tema mais generalizado e sobre o qual se tem relativo consenso para, nas questões seguintes, entrar numa esfera mais restrita, permeada pelas representações intra-individuais, experiências e vivências. Nesse sentido, percebe-se a diferença entre representações sociais, partilhadas por uma coletividade e o delineamento que vai aos poucos se formando na construção de um pensamento individual, com base no pensamento coletivo, como afirmam Wachelke e Camargo (2007), mas repletos e modificados pela experiência nas dimensões do conhecimento e do vivido (JODELET, 2005).

A quarta questão se insere em uma dimensão mais individual e está diretamente ligada à dimensão do vivido, da experiência. Ela questiona acerca do sentimento de acolhimento e aceitação do integrante do Hip-Hop pela escola que frequenta ou frequentou enquanto estudante, bem como sobre o que o leva a sentir-se acolhido e aceito ou não.

Dos treze participantes, dez disseram sentir-se aceitos e acolhidos por suas escolas, justificando suas respostas pelo sentimento de não exclusão/discriminação e de aceitação por parte dos colegas e professores, evidenciado pelo fato de poder contar com amigos no ambiente escolar. Outros fatores relevantes são o apoio e auxílio por parte da escola em

momentos de dificuldade e a abertura da mesma para projetos e atividades culturais diversificadas.

Apesar da maior parte das respostas (onze) revelarem uma situação positiva no que tange ao relacionamento dos participantes com suas respectivas escolas, duas respostas evidenciam uma divergência de opiniões, mostrando um lado perverso no relacionamento entre algumas escolas e determinados alunos pertencentes ao movimento Hip-Hop. Os sentimentos podem ser evidenciados claramente nas falas dos mesmos, nas quais revelam que não se sentem aceitos e acolhidos pela instituição escolar pois segundo eles: “Rola discriminação pelo estilo de vida que eu levo, pela vestimenta e tal. Eles mesmos não estimula o aluno a estudar” ou ainda “pelo fato que quando vou para a escola há preconceito. Mas não são todos, outras pessoas admiram muito.”

Apesar de uma das falas ser um pouco mais branda que outra, ambas trazem à tona uma gama de sentimentos explícitos e implícitos que certamente influenciarão nas representações individuais dos mesmos sobre a escola. Isso por que o ambiente escolar excludente lhes proporcionou uma experiência negativa, de rejeição por seu modo de vestir, viver, portar-se. Nesse ponto, as representações começam a se diferenciar, tanto entre representações sociais e individuais quanto no que diz respeito à escola e aos estudos. Apesar das representações sobre a importância dos estudos serem absolutamente positivas, no sentido de que todos reconhecem sua relevância, as experiências vividas na escola a destacam negativamente, havendo aí uma diferenciação de certo modo drástica entre os estudos e aquela que reconhecidamente é a “responsável por promovê-lo”: a escola.

Segundo Jodelet(2005), isso acontece por que as diferentes noções de experiência conduzem a relações diversas com o senso comum, que é foco das representações sociais. Sendo assim, apesar de haver uma representação social acerca de determinado objeto, a experiência será capaz de transformar o modo como o sujeito encara e transforma essa RS em representação intra-individual (WACHELKE & CAMARGO, 2007). Isso por que a experiência vivida, segundo Jodelet (2005), diz respeito ao foro íntimo do sujeito, a seus sentimentos diante de determinada situação, correspondendo a uma invasão de sentimentos e emoções e do mesmo modo, a uma conscientização acerca de sua própria identidade e subjetividade.

Corroborando com as respostas da pergunta anterior, temos na quinta questão que, dos treze entrevistados, onze não sentem nenhum tipo de discriminação por parte dos professores e demais profissionais da escola devido ao seu envolvimento com o Hip-Hop. Apesar de alguns deles não conhecerem a posição dos docentes e demais profissionais, a maioria dos

participantes afirmou que não apenas não se sente discriminado como é apoiado e incentivado em seu envolvimento com o movimento Hip-Hop. Isso se dá, segundo eles, por uma nova compreensão do Hip-Hop como forma de diversidade cultural e um modo de expressão positivo, novo e diferente.

Podemos perceber aí que a mudança de paradigmas com relação à escola, aos saberes considerados válidos e ao que é cultura tem propiciado uma maior aceitação desse grupo social bem como uma maior interação entre eles, a instituição escolar e seus profissionais. Há até mesmo um incentivo à progressão nos estudos e a abertura de novas possibilidades devido a absorção dessa nova cultura pelo meio acadêmico. Um exemplo disso é a história de um dos entrevistados que, mesmo sem condições financeiras próprias suficientes para ingressar em uma faculdade, conseguiu dar prosseguimento aos estudos por conta de seu envolvimento com o Hip-Hop, especificamente o Break. Em sua fala ele afirma: “Eu consegui ser inserido no nível superior através da cultura Hip-Hop. Graças a ela, estou estudando e mudando a visão da função social.”

Apesar desses avanços bastante significativos, ainda há discriminação por parte de alguns profissionais da educação, sejam eles professores ou não. Essa discriminação se dá basicamente pelo preconceito, onde há a associação do estilo Hip-Hop, cuja característica são roupas folgadas e boné de aba reta, com a malandragem e a marginalidade. Nas palavras dos participantes, eles se sentem discriminados “Pelo fato de usar roupas folgadas e por causa do próprio estilo Hip-Hop” e ainda “Por que eles acham o de sempre: todo dançarino é vagabundo, não só na escola como a família também.” Assim, a discriminação ocorre não apenas pelo modo de se vestir, mas também pela própria função exercida dentro do movimento, sendo verificada não apenas na instância escolar, mas familiar.

Essas respostas negativas revelam de certo modo visões ainda preconceituosas, não apenas sobre o movimento, mas sobre a própria população periférica e pobre, com a qual o Hip-Hop mais se identifica e por quem procura lutar. O preconceito pode ser aqui entendido, segundo Camino e Pereira (2002) e Lacerda et. al. (2002) apud Pereira, Torres & Almeida (2003, p. 97) como

uma forma de relação intergrupar organizada em torno das relações de poder entre grupos, produzindo representações ideológicas que justificam a expressão de atitudes negativas e depreciativas, bem como a expressão de comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de grupos minoritários.

Segundo aponta uma pesquisa realizada por Abramovay (2004) entre jovens de cidades da periferia de Brasília ligados ao movimento Hip-Hop, “o vestuário composto pela

bermuda e pela camisa folgadas, boné, sandálias e/ou tênis, de marcas famosas ou imitação, caracteriza o visual dos jovens entrevistados” (p.44). Esses jovens afirmam ser malvistas pela maneira de se vestir tanto pela polícia quanto pela comunidade e pela escola, pois esse tipo de vestimenta é caracterizado por essas entidades como roupa de ‘malandro’. Assim, “Esse visual, o modo de ser, andar e vestir, segundo os entrevistados, é o que faz com que sejam discriminados, confundidos com malandros e alvo de constantes abordagens policiais” (p. 44). Nesse contexto, podemos observar a questão das RS relacionadas ao contexto vivido, onde a vivência individual pode fundir-se na coletividade quando, segundo Jodelet (2005), “um conjunto de situações afeta... os membros de um grupo, de uma classe ou formação social como um destino comum imposto pelas condições de vida, relações sociais ou pressões materiais e contra as quais as pessoas se opõem.” (p.32)

A despeito dos preconceitos que ainda permeiam a esfera escolar e o Hip-Hop, a possibilidade de se trabalhar os conteúdos escolares utilizando como recurso didático os elementos dessa cultura fica evidente na visão dos participantes desta pesquisa. Ao responderem sobre a opinião deles acerca da contribuição do Hip-Hop para a formação escolar, todos responderam que o mesmo pode contribuir significativamente no desenvolvimento das matérias bem como em sua formação pessoal e social.

Segundo os entrevistados, o Hip-Hop pode contribuir para a aquisição de conhecimentos e competências no que diz respeito aos conhecimentos gerais, artísticos, históricos, culturais e no desenvolvimento da leitura e de uma melhor expressão. Contribui também para a formação pessoal e social, permitindo maior interação, união, sociabilidade, inclusão e combate ao *Bullying*. Representa também uma forma de incentivo e é propiciador de mudanças.

Assim, fica evidenciado o que Jodelet (2005) afirma sobre os sujeitos sociais e a elaboração de sua consciência de si e do mundo, onde os mesmos não são considerados mais como “idiotas culturais” nem tem sua definição reduzida a interiorização de normas e valores, a articulação de papéis sociais e status e a submissão à determinação social. A elaboração de novas representações no campo da educação tem permitido sua mudança. Esses jovens entrevistados demonstram em sua fala o que a autora trouxe acerca dos novos tipos de alunos surgidos a partir da mudança da política escolar. São esses jovens que segundo ela “escapam do sistema”, “questionam a legitimidade dos conhecimentos transmitidos”, “definem uma nova função para a escola” e dão um novo sentido à escolaridade, sendo capazes de perceber o conhecimento que possuem e que os permite construir outra escola, “dentro e fora de classe, enquanto agentes sociais” (p. 43)

Na sexta questão, ao expressarem sua opinião sobre a escola que freqüentam, apenas três dos treze participantes da pesquisa responderam que consideram sua escola excelente, ótima e “interessantíssima”. Cinco deles, porém, responderam que sua escola é boa, apesar das falhas existentes. É interessante notar que apesar dos pontos a serem trabalhados pelas instituições de ensino para o alcance da excelência, a maior parte dos entrevistados considerou sua escola como boa ou excelente.

Essa percepção positiva acerca das instituições escolares das quais os entrevistados fazem parte se deve também ao fato de que muitas dessas instituições participam de programas de inclusão social e projetos governamentais, como o Educação Integral e o Escola Aberta. Esses dois programas, em especial o segundo, proporcionam aos alunos uma maior interação com o ambiente escolar, gerando uma sensação de pertencimento e aceitação. No Escola aberta, é notável esse sentimento de identidade para os integrantes do movimento Hip-Hop que tem as portas da escola aberta aos finais de semana, onde são desenvolvidas atividades culturais como aulas de dança e duelos de Bboys, por exemplo.

Podemos notar divergências também com relação a essa questão, pois na percepção de dois alunos, suas escolas são vistas com “maus olhos”. Para um deles, ela é considerada “uma merda”; outro afirma, ainda, que “Hoje em dia tá virando arena de brigas”. Podemos perceber que essas Representações Sociais sobre as escolas dependem muito do que é cotidianamente experienciado por cada um dos entrevistados. Não há que se generalizar as opiniões e classificar a escola brasileira, mesmo a de periferia como é o caso, em totalmente ruim ou totalmente boa. Há, contudo, escolas que sabem qual é o seu papel e buscam a qualidade.

Por fim, foi solicitado aos participantes desta pesquisa que listassem três palavras que lhe viessem à mente ao pensar em escola. A maior parte das representações sobre a escola expressas em palavras-chave diziam respeito aos conceitos elementares como educação, estudo, disciplina e aprendizado, bem como ao que ela (escola) proporciona, como capacitação, aperfeiçoamento, formação para a vida, evolução e base. Foram recorrentes também palavras como futuro e oportunidade. O restante das palavras dividiram-se entre aspectos próprios às escolas como professores, lanche, recreio, aspectos relativos ao que a instituição pode proporcionar, como cultura, diferença, direito, administração, ao que pode gerar ou exigir do aluno como persistência, vontade, trabalhar, prosperar e aspectos negativos tais como obrigação, prostituição, merda, precário e bullying.

Observa-se, ao comparar as palavras-chave supracitadas e as respostas dadas ao item sobre a importância dos estudos, que as representações sociais acerca da escola e dos estudos por vezes se confundem, criando-se um sincretismo entre essas duas palavras e conceitos.

Portanto, ao se olhar para a escola, a mesma é vista como muito mais que uma instituição, mas um lugar onde o aprendizado e o estudo são o foco principal, onde a estrutura da instituição é absorvida por seus objetivos, quais sejam o da promoção da educação, do conhecimento e por consequência, dos estudos.

Novamente, por conta das experiências vividas com a escola, foram geradas também representações divergentes, que separam os estudos da instituição escolar ou da escola como instituição. Assim, apesar de considerar os estudos importantes, alguns se distanciam da escola por conta das repercussões negativas psicológicas e cognitivas provocadas por situações nela vividas, determinando seu discurso crítico e sua postura excludente em relação a mesma.

Embora nessa população específica os casos de aversão à escola devido a experiências de discriminação, preconceito e as representações negativas com relação a instituição tenham se apresentado pequenas em relação àqueles que guardam boas relações com a escola, sabe-se que a realidade, sobretudo das escolas públicas e de cidades periféricas, tem proporcionado muito mais situações de exclusão e provocado em muitos alunos experiências negativas que vão além das experiências positivas. Isso tem provocado uma desconexão entre as representações sobre os estudos e a escola, onde, embora o primeiro seja visto como de extrema importância e necessidade, a segunda é tida como ambiente excludente, discriminatório e repressor.

O resultado dessas divergências e por consequência na realidade dessas populações tem sido a crescente evasão e repetência escolar, acompanhados pela defasagem da escolaridade em relação a idade. Segundo Abramovay (2004), apesar de boa parte dos jovens estarem na escola, são poucos os que progredem nos estudos, chegando ou concluindo o Ensino Médio. A evasão ocorre devido parte ao fracasso escolar, caracterizado pela reprovação e defasagem idade-série, parte às representações por vezes diferentes daquelas que julgam como essencial os estudos, parte às condições excludentes não apenas no âmbito intra-escolar como no âmbito social, que obriga cada vez mais cedo jovens de periferia a iniciarem sua vida de trabalho e responsabilidades financeiras, seja para auxiliar sua família no sustento da casa, seja para sustentar sua própria nova família (ABRAMOVAY, 2004).

- **Análise das letras de música**

Considerado como a voz do movimento Hip-Hop, o Rap, cantado pelo Mestre de Cerimônias ou MC, é dos quatro elementos o mais combativo e que expressa maior resistência e

engajamento político, artístico e cultural devido a possibilidade de uma maior propagação de idéias. Isidoro Filho (2011) fala acerca da influência exercida pelo Rap, que vai além da estética e comportamental, mas é ideológica, discursiva e política, com vistas a convencimento do ouvinte sobre a luta por melhores condições de vida e a necessidade da aquisição de conhecimentos para a melhor compreensão da realidade.

Assim, o Rap tem influenciado a construção de Representações Sociais, especialmente dos simpatizantes e integrantes do movimento Hip-Hop, sobre diversos aspectos de suas vidas, inclusive sobre os estudos, a escola e o conhecimento. Desse modo, compreender as RS dos integrantes dessa cultura como um todo, perpassa por analisar os discursos propagados pelos formadores de opiniões, cujas idéias não apenas refletem o pensamento coletivo, mas o constroem e definem.

Foram escolhidas duas músicas, tendo por critério principal apenas o fato das mesmas conterem traços que apontem para as representações acerca da escola, estudos ou conhecimento. A primeira letra analisada pertence ao rapper carioca MV Bill e tem por título “Causa e efeito”. Para um melhor aproveitamento, foram retirados apenas os trechos essenciais à análise, contudo, a letra encontra-se disponível integralmente no Anexo 1.

Causa e Efeito

“Vai além...

Vejo plantações de vida

de sonhos, de morte, ferida

Que não cicatriza, que não ameniza

Se o clima tiver tenso a paz não se estabiliza

Pra mim é muito fácil de ser entendido

Sem educação vários de nós vai virar bandido

E a nossa pena não é branda

Perdemos a infância, a juventude, a fila anda

...

Vem, vem aqui combater a consequência

De política de ausência

Que resulta em violência

Se o foco não for mudado, não terão resultado

E o ódio na juventude é uma tendência

Sem escola, sem escolha

Expectativa de vida até que o crime te recolha
 Vários do lado do bem são empurrados para o mal
 Vítimas da convulsão social.”

Podemos verificar nessa letra a questão da educação como forma de progressão social, de melhoria de vida e como uma alternativa ao crime. São evidenciados, sobretudo, os efeitos desastrosos gerados pela ausência do Estado no oferecimento de serviços básicos, dentre os quais figuram o acesso a uma educação de qualidade. Impossibilitados de desfrutar dos bens culturais, sociais e econômicos advindos de uma boa educação, diversos habitantes de periferias vêm-se obrigados ou ao menos impulsionados a encarar o caminho da ilegalidade e da bandidagem como uma opção provável ou possível.

Desse modo, a crítica não é feita necessariamente à escola ou ao sistema de ensino, mas ao Estado e sua deficiência em prover sua população com os instrumentos necessários a um desenvolvimento digno e pleno. Depreende-se dos trechos destacados que a escola e os estudos possuem valor central no alçance de um futuro melhor, corroborando assim com as representações já expressas anteriormente pelas respostas às perguntas do questionário.

Ao lado da necessidade de se ter o acesso à educação, se faz imprescindível que essa escola não apenas exista, mas seja de qualidade e promova de fato a coesão social, ao oferecer um ensino pleno e eficaz. O segundo trecho analisado foi extraído da música do grupo de rap APC 16.

“A escola é uma porcaria, nunca funciona
 Por isso uma pá de mano vai pro fundo da sala pra fumar maconha
 Daí pra lá não tem mais jeito
 O caminho é escuro e é estreito
 Ele puxa forte, prende
 Sente maldade na mente ou então num oitão carregado
 Ei, chegado, o mano está desandado.”

Em consonância com o que outros entrevistados afirmaram, as representações acerca da escola podem se apresentar, por vezes, de forma negativa, ao denunciar a precariedade do ensino oferecido à população, em especial de baixa renda. Através de um ensino de qualidade duvidosa, se faz uma “seleção social”, assim denominada por Abramovay (2004), por meio da qual as sociedades excludentes

adotam medidas restritivas ao estudo e ao trabalho dos grupos excluídos ou daqueles considerados uma ameaça: ao vetar o acesso á educação (ou a uma educação de qualidade) e ao trabalho, realiza-se, por meio indireto, a política de extermínio própria dos contextos de exclusão radical. (p. 76)

Desse modo, podemos constatar que apesar dos estudos e da escola de modo geral serem extremamente importantes e necessários na vida, não apenas dos grupos integrantes do Hip-Hop mas da sociedade em geral, essa educação deve ser oferecida de modo digno e com qualidade, pois caso contrário, ao invés de incluir e promover a coesão social, exclui aqueles que mais precisam dela e aumenta ainda mais as disparidades sociais, servindo a um modelo capitalista e a uma visão elitista e discriminatória.

CAPÍTULO V

Considerações Finais

O Hip-Hop é um movimento de luta integrante, mas não restrita, ao movimento Negro, abrangendo também a luta por melhores condições para toda uma população geográfica, social e economicamente segregada. Por seu conjunto de usos, costumes e principalmente por dotar seus membros de uma visão de mundo própria e diferenciada, o Hip-Hop constitui-se também como cultura, cujos integrantes partilham de Representações Sociais e por consequência, práticas semelhantes.

Por ser um movimento que cresce dia após dia, influenciando gerações inteiras no Brasil e no mundo, se faz necessário compreender melhor essa cultura, permitindo, em consequência, uma visão mais abrangente de seus membros e das representações sociais por eles compartilhadas. Na perspectiva educacional isso se faz imprescindível, na medida em que milhares de estudantes, especialmente usuários do sistema educacional público e moradores de periferias, tem nesse movimento um norteador de condutas e influenciador de suas vidas e escolhas pessoais em nível muito significativo.

Ao iniciar a pesquisa, buscou-se compreender inicialmente o nível de influência do Hip-Hop sobre seus integrantes, bem como sobre sua representatividade para a vida de cada um deles. Notou-se, por meio das respostas, que de fato o movimento possui grande poder de persuasão na propagação de suas idéias e visão de mundo sobre seus integrantes, que em geral são comprometidos com sua ideologia reivindicatória e possuem um estilo de vida capaz de identificá-los em qualquer lugar, seja por seu modo de vestir-se e portar-se, seja por seus gostos pessoais ou seu discurso em comum.

Um dos objetivos da presente produção, de modo mais significativo, foi a identificação das RS dos integrantes da cultura sobre a escola e os estudos. Por meio das respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa através do questionário, pode-se perceber que há uma relação por vezes convergente, por vezes divergente do significado e da importância dos estudos e da escola. Em determinados momentos, a escola e os estudos assumem um mesmo papel, de preparadores para o futuro e propiciadores à aquisição de conhecimentos, sendo encarados de forma absolutamente positiva e vistos como condição fundamental para a saída de uma realidade socialmente desfavorável e necessários para o ingresso em um universo de possibilidades, especialmente no que concerne a uma melhor

posição no mercado de trabalho e conseqüentemente, ao alcance de melhores condições de vida.

Em outros momentos, entretanto, as RS sobre os estudos e a escola diferenciam esses dois conceitos, na medida em que, embora se reconheça e valorize a importância dos estudos, essa visão positiva não é mantida com relação à instituição escolar, já que a mesma é caracterizada por adjetivos depreciativos e criticada por sua ineficiência frente à demanda socialmente gerada. Nesse caso, tanto a ausência do Estado evidenciada pela restrição quanto a defasagem na oferta de uma educação de qualidade são representações negativas sobre a escola. Há também concepções ligadas ao preconceito e exclusão por parte das instituições a determinadas populações, no que Abramovay (2004) chama de “seleção social”. Essas representações negativas são permeadas por concepções geradas pelo vivido, pela experiência, mas que compartilhada por um grupo, acaba por fundir-se na coletividade. Como fruto dessa deficiência no sistema de ensino, são geradas graves conseqüências sociais, que vão desde a repetência e evasão escolares a uma falta de perspectiva intensa a ponto de conduzir pessoas a cogitarem a criminalidade como opção de subsistência.

O Hip-Hop, através do Rap, denuncia essas situações de descaso, abandono e discriminação, criticando abertamente o sistema de ensino e suas facetas perversas. Contudo, a própria cultura é apontada como forma de contribuição eficaz para a melhoria do ensino e o desenvolvimento de competências. O Hip-Hop, na perspectiva de seus integrantes, pode ser empregado como instrumento qualificador pelas escolas, tanto como recurso didático na condução dos conteúdos quanto como propiciador de significativa formação pessoal e social.

Assim, o próprio instrumento que acusa e denuncia também aponta saídas para uma efetiva melhoria. Ao dar voz aos excluídos, permite que os mesmos expressem suas necessidades e que os gestores, professores e demais responsáveis pela instituição escolar ouçam seu grito de socorro antes que seja tarde e tomem as providências necessárias para que a escola seja de fato fonte de transformações profundas na sociedade e promova verdadeiramente a coesão social desejada por todos.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Com a conclusão da minha graduação em Pedagogia, há um mundo inteiro de possibilidades que se abre para mim. Ainda não estou completamente certa do que farei, mas possuo múltiplas opções e espero escolher o que for realmente melhor.

A primeira possibilidade é permanecer em Brasília e ingressar novamente na UnB, mas como aluna do curso de Serviço Social. É um curso com o qual tenho muita afinidade e que, aliado aos conhecimentos adquiridos na Pedagogia, me possibilitaria atuar de forma mais completa, seguindo o viés social. Seria uma pedagoga social, digamos assim.

A segunda possibilidade é permanecer também em Brasília, ingressar em uma Pós Graduação em Psicopedagogia ou em um mestrado, dando continuidade à pesquisa que iniciei neste trabalho de monografia. Juntamente com isso, continuaria trabalhando como professora na educação infantil, seja na rede particular ou, preferencialmente, na rede pública de ensino.

A terceira possibilidade é me mudar para o Rio de Janeiro, onde, se for aprovada no concurso, trabalharia no Ministério Público e, concomitantemente, faria um Mestrado ou Pós-graduação tendo por foco a atuação social. Sempre desejei atuar ou mesmo iniciar um projeto social em uma comunidade carente e, assim como em Brasília, há uma gama enorme de possibilidades no Rio de Janeiro.

Desejo também, a despeito do caminho que percorrerei, concluir meu curso de inglês e contribuir com o que aprendi na Pedagogia, mesmo que por pouco tempo, em um projeto social que a minha igreja apóia no Timor Leste. Este projeto acolhe crianças e jovens abusadas sexualmente e que são expulsas de suas famílias por causa disso. Lá, essas crianças recebem abrigo, comida e formação profissional e eu tenho profunda paixão por esse projeto. Gostaria muito de poder contribuir com o que puder para que a realidade dessas crianças seja transformada para melhor.

É provável que essas possibilidades que citei acima se misturem e ocorram de um modo totalmente diferente e de uma forma não prevista por mim. Mas, independentemente do que me acontecer ou dos caminhos que serão traçados por mim e para mim, o que eu realmente desejo é poder contribuir com o que eu puder para que não somente eu, mas os que estão ao meu redor sejam beneficiados. Quero poder ser a diferença que o mundo precisa, embora isso soe clichê aos ouvidos da maioria. Quero que minha existência aqui não seja em vão ou que se resuma apenas ao meu prazer e bem estar. Quero que a minha felicidade extrapole os meus muros e alcance o máximo de pessoas que puder.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et. al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, volência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: Gramond, 2004.

ALVES-MAZZOTI, Alda Judith. *Representações Sociais: Aspectos teóricos e aplicações à educação*. Artigo publicado anteriormente na revista Em aberto, Brasília MEC-INEP, ano 14, n. 61, jan/Marc. 1994. Republicação com a autorização da autora pelo site www.metodista.br

BARBOSA, Patrícia Oliveira. *Rap e Identidade Social: um estudo de caso*. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Brasília, 2005.

BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais de Juventude*. Ed. Moderna, 1990, Coleção Polêmica.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. – 8. reimpr. – São Paulo : Atlas, 2007.

HAYASHI, Bianca; BEZERRA, Bianca; FIGUEIREDO, Rebeka; PRESTES, Vivian. *A comunicação, o Graffite e a Mídia Secundária*. Site <http://www.conjecturas.com.br/edição10/cerebrar/pixa.htm>

ISIDORO FILHO, Constantino. “Demorô”- Investigações sobre a teatralidade no Hip-Hop. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2011.

JODELET, Denise. *Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas*. Experiência e Representações Sociais. École des Hautes Études em Sciences Sociales – Paris. Tradução de Maria Suzana De Stefano Menin. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., – 18 e.d. - 2005

MENIN, Maria Suzana de Stefano; SHIMIZU, Alessandra de Moraes. *Educação e Representação Social: Tendências de Pesquisa na Área – Período de 2000 a 2003*. Experiência e representação social: Questões teóricas e metodológica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MOTTA, Fernando C. Prestes. *O que é Burocracia*. São Paulo: Brasiliense, 2000. Coleção Primeiros passos; 21.

PEREIRA, Cícero; TORRES, Ana Raquel; ALMEIDA, Saulo Teles. *Um estudo do preconceito na Perspectiva das Representações Sociais: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial*. Psicologia: Reflexão e Crítica, pp. 95-1, 2003.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. *Representações Sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici*. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Volume 19 n. 55

SANTOS, José Luis dos. *O que é Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção Primeiros Passos, 110.

TAVARES, Breitner. *Geração Hip-Hop e a construção do imaginário na periferia*. Revista Sociedade e Estado – Volume 25 número 2 Maio/ Agosto 2010.

WACHELKE, João Fernandes Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. *Representações Sociais, Representações Individuais e comportamento*. Interamerican Journal os Psychology, año/ vol. 41, número 003, 2007. Sociedade Interamericana de Psicologia. Austin, Latinoamericanistas, p. 379-390.

WELLER, Wivian. *O Hip-Hop como possibilidade de inclusão e de enfrentamento da discriminação e da segregação na periferia de São Paulo*. Caderno CRH, Salvador, v. 17, n. 40, p. 103 – 115. Jan/Abr. 2004

Sítios:

Zulu Nation: WWW.zulunation.com

ANEXOS

Anexo 1

Causa E Efeito [MV Bill](#)

Hã...

Pouca coisa mudou

O responsável pela nossa tragédia não assimilou
Que pra mudar é necessário mais que um discurso...

no percurso falei com gente estúpida

Penso no que diz nossa bandeira fica em dúvida

O que será que eles acham de nós

que não sabemos falar?

que não sabemos votar? Há

Nossa voz ta no ar

Por mais que eu tenha espírito de mudança
vejo contradições que me causam desesperança

Cansa ver tanta gente ignorante

Tratando gente humilde de forma arrogante

Deselegante ao lidar com a maioria

Que fala com sotaque de periferia

Na correria, sobrevivendo a covardia

Daqueles que nos retribui com antipatia

A superação me emociona

Mas a apatia dos irmãos me decepciona

Vivemos da democracia que não funciona

Condição social que aprisiona

Vários vão a lona

Sentados na poltrona

Recebendo ordens que serão ditadas na telona

E nos deixam como herança

Uma verdadeira erupção de criança na minha lembrança

Não da pra esquecer o que eu vi (na lembrança)

Não da pra esquecer o que senti

percebi...

Que a policia continua sendo o braço governamental

Na favela discrimina o mal

Com suas fardas e caveirões

A serviço daqueles que controlam opniões, que roubam
milhões, donos de mansões

Constrói a riqueza com a fraqueza de multidões

Tubarões...
engolem o peixe pequeno
Não vejo plantação de coca no nosso terreno
Vai além...vejo plantações de vida
de sonhos, de morte, ferida
Que não cicatriza, que não ameniza
Se o clima tiver tenso a paz não se estabiliza
Pra mim é muito fácil de ser entendido
Sem educação vários de nós vai virar bandido
E a nossa pena não é branda
Perdemos a infância, a juventude a fila anda
Menos pra quem tem família com dinheiro
Que paga pelo erro do filho o tempo inteiro
Atitudes que eu não me identifico
Bateram na empregada só porque o pai é rico
Pai que vai a público falar de ética
Sem saber que o filho é envolvido com droga sintética
Vida frenética, fazendo merda pela rua
Com a certeza que a justiça é menos energética
Não é assim com a gente,
Nova operação policial leva a alma de um inocente
Deixa a criança ferida
Com bala perdida
Mais punição como medida
Revelando a incompetência
Tenho complemento no refrão que há na sequencia

Combatente não aceita
Comando de canalha que a nós não respeita
Excluído, iludido
Quem nasce na favela é visto como bandido
Rouba muito, magnata
Não vai para cadeia e usa terno e gravata
Causa e efeito
Só dever sem direito 2x

A corrupção permite
que atrocidade ultrapasse seu limite
Por mais que parte elite evite
Um afrogenocídio existe
onde pessoas morrem por conta da cor
Com sobrenome comum não temos valor
Artista câo, que fala de amor,

Não fecha com nois nem na hora da dor
Por isso eu faço do meu palco um pupito
usando minha voz contra um Brasil que é corrupto
Impunidade fala mais alto
Os homens de preto sobem o morro pra defender o asfalto
que impotente, assistem a tragédia
No desnível entre a favela e a classe média
Que tratam o guetto como se fosse a África
numa distancia que nem chega a ser geográfica

Distanciamento provocado pelo preconceito
Como se nascer aqui fosse um defeito
Não é!
É parte de um destino que você ajudou a escrever,
quando não quis se envolver
Vem, vem aqui combater a consequencia de politica de ausencia
que resulta em violencia
Se o foco não for mudado, não terão resultado
e o ódio na juventude é uma tendencia
Sem escola, sem escolha
Expectativa de vida até que o crime te recolha
Vários do lado do bem, são empurrados pro mal
vitimas da convulsão social
País tropical, povo sensual
Fábrica de gente em condição marginal
que não conseguem pensar, que não conseguem falar
Parasitas não iram prosperar

Combatente não aceita
Comando de canalha que a nós não respeita
Excluído, iludido
Quem nasce na favela é visto como bandido
Rouba muito, magnata
Não vai para cadeia e usa terno e gravata
Causa e efeito
Só dever sem direito 2x

<http://www.vagalume.com.br/mv-bill/causa-e-efeito.html#ixzz1h71lkkiD>

Paz Nas Quebradas

[Apocalipse 16](#)

Em todas as quebradas manos
 são mandados para o inferno a todo momento,
 vejo isso há muito tempo: cheirou, não pagou,
 não teve acerto tentou correr,
 imediatamente o gatilho é acionado
 em fração de segundos o mano está ali deitado
 talvez até tivesse algum talento mas já era,
 morreu de um modo sangrento foi desperdiçado
 e esse é o resultado de vivermos num sistema
 fracassado
 mas na periferia é sempre assim, o pior fica para você
 e o pior fica para mim,
 mas aí, se liga aí, a escola é uma porcaria nunca
 funciona,
 por isso uma pá
 de mano vai pro fundo da sala pra
 fumar maconha,
 Daí pra lá não tem mais jeito: o caminho é escuro
 e é estreito. Ele puxa forte, prende,
 sente maldade na mente
 ou então na mão carregada,
 o mano está desandado,
 hey soldado, hey soldado,
 cuidado, são poucos policiais no gueto bem
 intencionados: a ordem
 é derrubar vagabundo
 sem dó, sinceramente, já não sei mais o que que é
 pior, olhar para o lado
 e ver o bar lotado cheio de
 pai de família,
 quando ele bebe fica louco, quebra
 casa, bate na mulher
 e na filha todo santo dia, eu sei
 que não era bem isso que Deus queria, pra
 periferia

Deus dê paz a todas as quebradas, peço paz
 (pros preto, pros branco, pras mina e pros caras)!

Do que vale a vida se tem não direção? Do que
adianta saber se não tem razão? Senhor nos livre do
mal, Deus dê paz a todos os meus irmãos.

Dinheiro, dinheiro, por causa dele perdi muitos
parceiros várias baixas nas quebradas foram dadas
perdi um camarada que considerava,
acreditava ele que metendo bronca um dia se levantava,
agora está deitado eternamente
realmente é deprimente,
abrir a janela e ver as casas
mal acabadas,
crianças mal alimentadas,
pretos e brancos correndo
sem um ideal
e sem um futuro, por isso seja esperto,
trampe...
não corra sem ideal como correu Forrest Gump,
ao próximo nunca faça mal,
pois o sangue que corre na
veia de todos nós
é igual

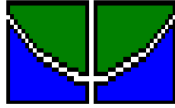
[...]

<http://www.vagalume.com.br/apocalipse-16/paz-nas-quebradas.html#ixzz1h72Ery4n>

APÊNDICES

Apêndice I

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS E DE IMAGEM.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS E DE IMAGEM

Eu _____, RG, _____, decido ceder à pesquisadora **Juciane Priscila Vilaverde Freitas**, graduanda em Pedagogia da Faculdade de Educação - UnB, cujo projeto de pesquisa é denominado "**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A ESCOLA NA PERSPECTIVA DOS INTEGRANTES DO MOVIMENTO HIP-HOP**", sob orientação da Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, os direitos autorais e de imagem, autorizando-a a utilizar-se das imagens contidas nas fotografias e/ou das obras artísticas incluídas no presente trabalho.

Declaro me ciente e concordo com o acima exposto.

Assinatura do Participante

_____/_____/_____

Data

Apêndice II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O QUESTIONÁRIO

Eu _____,RG, _____, autorizo a pesquisadora **Juciane Priscila Vilaverde Freitas**, graduanda em Pedagogia da Faculdade de Educação - UnB, cujo projeto de pesquisa é denominado **“AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A ESCOLA NA PERSPECTIVA DOS INTEGRANTES DO MOVIMENTO HIP-HOP”**, sob orientação da Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, a utilizar-se das informações obtidas no questionário do qual participo, por meio das respostas escritas, obedecendo aos critérios da ética de pesquisa, onde está assegurado o total anonimato.

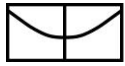
Declaro me ciente e concordo com o acima exposto.

Assinatura do Participante

_____/_____/_____

Data

Apêndice III



UnB

Eu, Juciane Priscila Vilaverde Freitas, estou realizando uma pesquisa para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Professora Doutora Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, cujo tema é Representações Sociais e Escola. Solicito sua colaboração em responder ao presente questionário. Informo que todas as suas respostas serão totalmente anônimas e utilizadas única e exclusivamente para esta pesquisa, sob a garantia da Ética da pesquisa científica. Desde já agradeço sua colaboração.

Questionário

Idade:

Sexo:

Instrução Escolar: Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior ()

Ainda estuda: Sim () Não ()

Série:

Escola e localização:

Local de nascimento:

Local de moradia:

Com quem você mora?

Religião:

Estado civil:

Possui filhos: Sim () Não ()

Renda familiar:

Ocupação atual:

1) O que o Hip-Hop representa pra você?

2) Enumere, numa escala de 0 a 10 (sendo 0 o mínimo ou nada e 10 o máximo ou tudo) o quanto o Hip-Hop influencia sua vida e suas escolhas pessoais. Justifique.

3) Você acha que os estudos são importantes? Por que?

4) Você se sente acolhido e aceito pela sua escola? O que te leva a pensar/sentir assim?

5) Você sente algum tipo de discriminação por parte dos professores ou demais profissionais da sua escola devido ao seu envolvimento com o Hip-Hop? Justifique.

6) Você acha que o Hip-Hop pode contribuir de alguma forma para a sua formação na escola? Como?

7) O que você acha da sua escola?

8) Liste três palavras que vêm à sua mente quando você pensa sobre escola.
